

DEFESA DE ESPINHO

DIRECTOR: FERNANDO BARRADAS

FUNDADOR: BENJAMIM COSTA DIAS

15 de Junho de 1979 — ANO 48.º — N.º 2462 — Preço 6\$00

PARABÉNS

1973

Considerando o grande desenvolvimento demográfico e urbanístico da vila de Espinho, sede do concelho do mesmo nome, no distrito de Aveiro;

Considerando que a referida vila é servida por grandes vias de comunicação, incluindo caminho de ferro, e está dotada de instalações de distribuição domiciliária de água e energia eléctrica e de rede de saneamento;

Considerando o notável incremento industrial e comercial da vila de Espinho;

Considerando ainda a existência, na mesma vila, de diversos serviços e instituições de interesse colectivo, de natureza social, educacional, cultural e económica;

Tendo em vista os pareceres concordantes da Junta Distrital e do governador civil do Distrito de Aveiro;

(...) Artigo único. É elevada à categoria de cidade a vila de Espinho, sede do concelho do mesmo nome, do distrito de Aveiro.

Marcello Caetano — António Manuel Gonçalves Raposo.

A

VOCÊ!



1979

Considerando que 6 anos se passaram desde a data da elevação de Espinho a cidade;

Considerando que o desenvolvimento urbanístico da cidade é apenas da responsabilidade de iniciativas particulares;

Considerando que, por falta de medidas de incentivo e apoio, por parte dos organismos oficiais, os sectores industrial e comercial, quanto ao seu incremento, estagnaram;

Considerando os deficientes acessos, as carências de instituições de interesse colectivo, de natureza social, educacional, cultural e económica;

Tendo em vista os pareceres da esmagadora maioria da população de Espinho;

Artigo único. É atribuído à Câmara Municipal de Espinho e a todos os organismos oficiais que, directa ou indirectamente, tenham contribuído para este adormecimento, estagnação e não desenvolvimento da cidade, um voto de desaprovação e desconfiança pela sua actuação.

DUAS CARTAS EXPLOSIVAS DIVIDEM F. A.

A DE CASANOVA FERREIRA

Pela sua actualidade e importância publicamos a seguir, na íntegra, uma carta do coronel Casanova Ferreira enviada a 160 oficiais do Exército Português.

«Estou, como os nossos camaradas que aceltaram o ideal castrense da vida, consciente de que todas as revoluções definem a sua própria legalidade. Mas também sei que as leis não podem afastar-se de servirem a Pátria, que é o nosso

(Continua na 2.ª página)

...E A DE VASCO LOURENÇO

Entretanto, na sua edição de sábado, 9 de Junho, «O Primeiro de Janeiro» publicava em 1.ª página, a 3 colunas, a seguinte notícia:

O «dossier da Amnistia está longe de poder ser dado por encerrado, até porque a Assembleia da República ainda não se pronunciou sobre o veto do general Ramalho Eanes.

(Continua na 2.ª página)

«NÃO TEMOS TEMPO A PERDER
OU PERDEMOS PORTUGAL»

«CONTEÚDO INFERNAL
DE AUTÊNTICA INSUBORDINAÇÃO»

VASCO LOURENÇO

(Continuação da 2.ª página)

Entretanto, surgiu um novo e explosivo elemento, com a divulgação, entre alguns militares mais próximos da sua linha, de uma carta do conselheiro da Revolução major Vasco Lourenço.

Essa carta, ao longo de meia dúzia de páginas dactilografadas, dá conta, nomeadamente, das razões da votação de Vasco Lourenço, no CR, relativa à Lei da Amnistia. Mas, naturalmente, não se fica por aí, pois faz acerbas críticas à cadeia de comandos, acusando inclusivamente os chefes militares demovidos pelo sectarismo nas suas decisões, praticarem actos de injustiça na pessoa de oficiais e sargentos de esquerda.

Embora da carta conste, igualmente, a conveniência de não lhe ser dada publicidade, o certo é que ela já circula entre muitos militares e é também do conhecimento da hierarquia que, pensa-se, irá tomar uma posição bem definida quanto ao seu «conteúdo infernal, de autêntica insubordinação», como nos foi classificado por um oficial superior

do Exército que não deixava de mostrar a sua estranheza pelo facto de, contrariamente ao sucedido com o próprio presidente da República, haver um inexplicável código de impunidade em relação aos conselheiros da Revolução, mesmo quando as suas atitudes possam incorrer em «autênticos actos de insubordinação, como é o caso desta carta do major Vasco Lourenço».

O conselheiro da Revolução, na sua carta, não só emite juízos de valor sobre as atitudes dos chefes militares, como ainda explica a conveniência da amnistia total com a preocupação de não se poder atender tão-somente às nódoas grandes deixando o pequeno pó entregue à injustiça da hierarquia militar.

Comparando a carta de Vasco Lourenço com a de Casanova Ferreira («esta um grito de alarme»), os militares conhecedores dos conteúdos das duas entendem não ser curial que a este vá ser instaurado um processo disciplinar e que àquele assista um estatuto de impunidade gritantemente ofensivo para a própria instituição.

CASANOVA FERREIRA

(Continuação da 2.ª página)

valor de referência para julgar a legitimidade das ordens às quais devemos obediência disciplinada. Colocados todos os militares nesta situação de obedecer, mas também de responder individualmente pela obediência indevida e pela indisciplina injustificada, a tensão moral que é exigida do militar profissional tem poucos equivalentes noutras carreiras. Nenhum de nós pode assim deixar de considerar graves as perturbações que estão a ser causadas nas Forças Armadas pela lei da amnistia, neutralizante e inversora, que abrange não apenas factos criminosos mas também disciplinares, tudo por iniciativa da maioria de esquerda da Assembleia da República, que também já não nos representa.

O facto é que as Forças Armadas aceitaram o dever constitucional de encaminhar o País para a democratização, o que implica que nem o poder seja militarizado, nem se instale o poder civil tota-

litário. Este dever tem expressão constitucional na existência do Conselho da Revolução, um órgão transitório que deve assegurar a execução do alto dever que as Forças Armadas assumiram. O problema da amnistia demonstra que se está a dar, com o consentimento do Conselho da Revolução, uma inversão do processo: em vez de serem as Forças Armadas quem conduza a institucionalização final do País, são elas conduzidas por facções que não assumiram o dever de conduzir à disciplina democrática.

Deste modo, a invasão do aparelho militar por aqueles mesmos que pretenderam impedir a definição das Forças Armadas como um Instrumento ao Serviço da Nação e não de facções, virá destruir a institucionalização já conseguida e lançar na perplexidade os oficiais que devem obedecer, mas não individualmente responsáveis pela obediência ilegítima ou pela indisciplina sem fundamento. O nosso dever é servir a Pátria, mas acredito que o julgamento dos nossos actos seja mais sadio se produzido pelas Forças Armadas como instituição e não colocando cada um o dever de julgar por si próprio.

Todavia, é para esta última situação que estão a empurrar a vida dos quartéis e não parece que representem os ideais das Forças Armadas aqueles que, pelo seu voto militar simples, consentem na inversão do processo que aceitaram sustentar e servir.

O projecto de lei da amnistia não mereceu auscultação por parte dos Ramos sendo fruto, ao que se diz, de encomenda feita por conselheiros militares a alguns membros do partido socialista, uns e outros pouco ou nada conhecedores de assuntos militares, mormente da implicação dessa lei num corpo carecendo coesão e disciplina e aonde aqueles cuja idoneidade merece reparos e se esperava fosse apreciada pela sociedade, por órgãos jurídico-militares competentes.

Surgiu-nos a grande encruzilhada: é urgente decidir antes que a traição seja a lei e condenados por fascismo os que defenderam o Ultramar Português e pretendem garantir a continuidade nacional. Não podemos deixar repór a «resposta histórica» a um Portugal atónico os SUV's, como não consentiremos a mesma cena social e política e os mesmos figurantes de Nov.-75: para isso nos basta a jura que fizemos em criança, perante os testemunhos da Bandeira, dos familiares, das nossas noivas e da consciência. Apoiamos a hierarquia, completa e prontamente arrostando com todas as consequências inerentes à opção de quedar ou não ser português. Mostraremos aos sucessores da chantagem política que iremos até ao fim na defesa dos princípios que enformam a Nação Portuguesa e o seu Exército, indevidamente representado por alguns dos seus elementos intitulado-se conselheiros da revolução, muito mais danos nos esperando se os consentirmos por mais tempo em funções.

Temos de demonstrar, de uma vez para sempre, aos nossos Chefes e Superiores que nos queiram ouvir, a existência de elos de dependência que, convido à hierarquia, à disciplina e à subordinação, nos definem perante eles como individualmente responsáveis.

Vamos transmitir aos nossos superiores hierárquicos quem somos, qual o nosso sentido de portugalidade, testemunhando-lhes que não queremos mais ser representados pelos mesmos conselheiros que já destroçaram uma enorme Nação e se preparam para fazer, do que resta, o santuário da Península.

Em nome da Pátria, é necessário que a hierarquia impeça a deterioração da disciplina remanescente e, em nome da disciplina, é inadiável que os militares com voto nos órgãos de soberania representem os ideais que as Forças Armadas juraram servir. De outro modo, em breve nos encontraremos desarmados da unidade moral que é mais necessária aos exércitos do que as armas que tanto se procuram e espalham pelas piores mãos.

NÃO TEMOS TEMPO A PERDER OU PERDEMOS PORTUGALIA

**MUITO
«DEMOCRATICAMENTE»
A CP VOLTOU
A FAZER GREVE**

Nos passados dias 11 e 12 e mais uma vez salvaguardando os justos interesses do pessoal ferroviário, menosprezou-se os também muito justos interesses de toda a comunidade portuguesa trabalhadora, utentes assíduos dos comboios da C.P.

Até quando — perguntamos — isto irá acontecer com uns serviços públicos responsáveis pela economia nacional, pois perdem no quotidiano condução de milhares de trabalhadores, muitos dos quais dispõem unicamente do comboio como veículo de transporte acessível para se distribuir aos empregos.

Não está certo que para se zelar os interesses de uma minoria, relativamente à população activa trabalhadora deste País, se proceda desta forma drástica, só possível a quem possui «a faca e o queijo» nas suas mãos.

Já repararam o que seria se os hospitais centrais das grandes cidades ou serviços de electricidade resolvessem, por sua alta recreação fazer greve geral, as repercussões que traria ao País no campo da Saúde e da laboração empresarial?

Pois a greve da CP, não causou vítimas mortais, mas origina a falta de comparência aos postos de trabalho de elevadíssimo número de portugueses e nessa medida, interpretando a reclamação mais do que justa de tanta gente prejudicada se pergunta aos responsáveis deste País:

ATÉ QUANDO ISTO IRÁ ACONTECER?

A. I. A.

**DULCE DE OLIVEIRA CAMPOS
FERREIRA DE CAMPOS**

Advogados

Rua 11 n.º 877 — Telef. 922218

ESPINHO

DEFESA DE ESPINHO

JORNAL SEMANARIO

FUNDADOR:

BENJAMIM COSTA DIAS

Propriedade: EMPES — Empresa de Publicidade de Espinho, Lda.

Redacção e Administração: Rua 19, N.º 62 — Telefone, 921525

Composto e Impresso nas Oficinas Gráficas de «O Comércio do Porto»

TIRAGEM MÉDIA 3 000 EXEMPLARES



BPA

O Portugal
de *amanhã*
constrói-se hoje

... por isso apoiamos todas as actividades
dinizadoras da economia nacional

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

BANDA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE ESPINHO

AS GRANDEZAS QUE TEVE E AS MISÉRIAS QUE TEM

• ENTREVISTA DE CADETE DUARTE

Foi fundada há cerca de 140 anos por Joaquim Alves de Sousa Neves (SOQUEIRO), sendo conhecida pela BANDA DO SOQUEIRO.

Por morte do seu fundador, passou a responsabilidade da direcção e regência para Ilídio Neves, filho do Soqueiro.

Enquanto a saúde foi permitindo Ilídio Neves foi um bom sucessor de seu pai.

Há cerca de 54 anos, Ilídio Neves vendo que as dificuldades para a manutenção da Banda cada dia se tornava mais difícil, fez a sua entrega à Direcção dos Bombeiros V. de Espinho.

A partir desse momento o nome da Banda, deixou de ser a do Soqueiro, para ser BANDA DE MÚSICA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE ESPINHO, nome que ainda hoje se mantém.

Se a única banda de música que temos dentro da cidade, tem tido no decorrer da sua longa vida momentos que ficaram bem gravados, tais como os êxitos que alcançou quando nas suas deslocações a Espanha, também tem passado outros bastante difíceis onde as dificuldades foram de tal ordem, que esteve mesmo em risco de deixar de existir.

Porém, tal como nos foi dito, se a Banda continua na sua missão, muito deve àqueles que no último esforço que boa vontade e bairrismo conseguiram transportar todos os obstáculos, que outros naturalmente, não tiveram a coragem de os vencer.

Quando entramos na sala de ensaios da Banda dos B. V. Espinho, ficamos simplesmente desolados com o que vimos.

Aquela pequenina sala, quanto a nós, pode servir para várias coisas mas nunca para ensaios a uma banda onde se reúnem cerca de 40 homens.

Desde logo fomos assaltados por um pensamento: então se a banda tem o nome de uma corporação de bombeiros e se os B. V. Espinho têm um excelente salão, porque motivo o referido salão não serve para a banda?

A partir daí outros pensamentos vieram à nossa mente e se fomos preparados para umas poucas perguntas, claro está, que o rumo da entrevista teria que levar um caminho diferente.

Já lá se encontravam à nossa espera os srs. António Freitas (presidente da Direcção) Alberto Padrão (tesoureiro) João Sá, Guilherme Faria, e António Faria, vogais da direcção e músicos.

D. E. — Como presidente da Direcção o que é a Banda de Música na própria vida espinhense?

ANT.º FREITAS — Na minha opinião é uma das colectividades de Espinho, que está a merecer o maior carinho, não só por parte das autarquias locais como também de toda a população. Porém, meu amigo, infelizmente tal não sucede e repare que sendo a banda um centro de cultura, quantos músicos temos cá feito, esteja a banda onde estiver está presente o nome de Espinho e dos bombeiros, dentro das nossas poucas possibilidades materiais, julgo que nunca colocamos mal o nome de Espinho.

D. E. — Pelas suas palavras ficamos com a impressão que alguma coisa anda mal?

ANT.º FREITAS — Realmente assim sucede, como é que tudo há-de correr bem se certas pessoas que quanto a mim, deviam olhar a Banda com mais compreensão têm por vezes respostas

que nos chocam imenso, todavia, nem tudo é mau, como por exemplo, quando a Banda em riscos de desaparecer, os bons amigos que a Banda teve.

D. E. — Quer recordar alguns?

ANT.º FREITAS — Com todo o prazer, assim, e em primeiro lugar é uma justiça destacar o nome de Benjamim Dias, que eu considero o pai da Banda, depois entre outros Francisco Castro,

tência é constituída por jovens, e sabem muito bem, o que é bom ou que é mau.

D. E. — Há quem diga que vocês todos os anos tocam o mesmo?

GUILHERME FARIA — Talvez quem diz isso não tem a certeza no que está a dizer, para a presente temporada já ensaiámos três novas partituras, por outro lado há certas partituras que é

mos actuar a título gracioso, se vamos ao Presidente do Turismo pedir a montagem do coreto a resposta é certa, «não há dinheiro», no entanto, quando foi para trazer músicos de fora (jazz) como o senhor sabe que não faltou dinheiro, estou mesmo convencido que há pessoas que não gostam da Banda.

ALBERTO PADRÃO — No dia que o Sporting de Espinho con-

ANT.º FARIA — O senhor não se ria, mas há quem diga que os homens que aqui estão são uns Cristos, milagres não fazemos, mas nos nossos bolsos...

TEMOS TIDO A AJUDA DE EMIGRANTES DE ESPINHO

D. E. — Qual o valor que a Banda tem em instrumentos?

ALBERTO PADRÃO — Cerca de 800 contos, depois temos os fardamentos, as partituras, etc., etc.

D. E. — E despesas mensais? ALBERTO PADRÃO — Mensalmente temos uma despesa de 15 mil escudos, para uma receita incerta, não fora alguns músicos actuarem quase de graça... temos 130 sócios e por vezes lá vem algum auxílio dos espinhenses emigrados, mormente, dos que estão na Venezuela.

D. E. — Vamos fazer uma pergunta aos músicos presentes, o vosso maior desejo no momento?

GUILHERME FARIA — Julgo que o nosso maior desejo de momento, é que a Banda volte dentro em breve a ocupar um lugar que em anos já teve, isto é, de primeira categoria o que tudo fazemos para que isso venha a suceder em breve, e depois um apelo à Administração da Solverde, para que organize em Concurso de Bandas de Música, para já a nível distrital, era para nós um grande prémio.

D. E. — Quanto aos directores?

ALBERTO PADRÃO — Como tesoureiro da Banda, um apelo à população de Espinho, nós precisamos de sócios, cuja quota mínima é de 10 escudos, até porque a Banda pertence a Espinho há 140 anos e tudo temos feito para honrar o nome de Espinho e por último que certas pessoas que pensam um pouco antes de responder.

ANT.º FREITAS — Pela minha parte, que a Banda volte ao primeiro plano que já teve, um muito obrigado a todos quantos nos têm ajudado, para aqueles que por qualquer motivo não gostam da Banda que não esqueçam que a música faz parte da cultura de um povo, por último por seu intermédio um obrigado muito grande à Defesa de Espinho, por ter vindo até junto de nós.

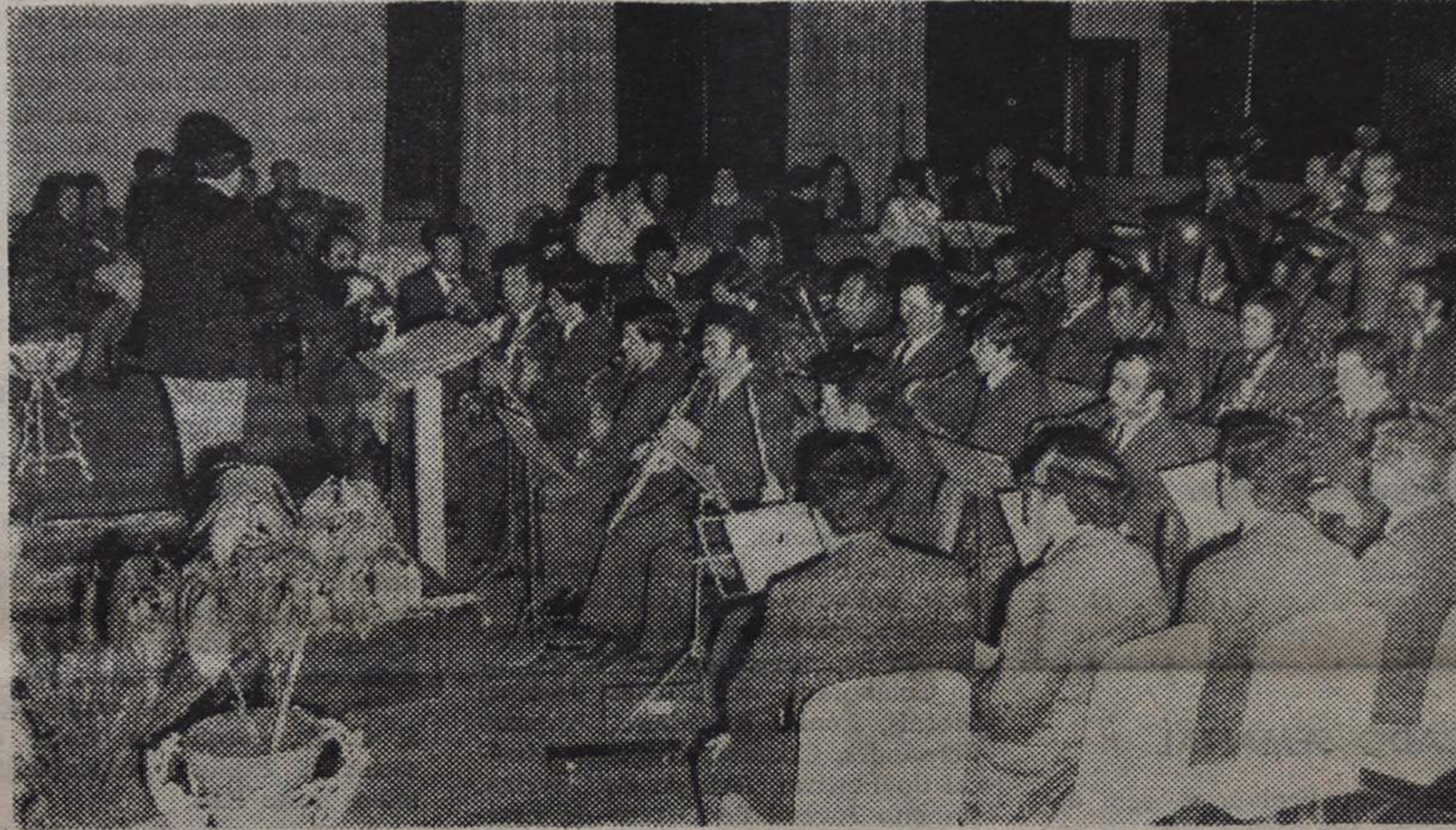
Banda de Música dos B. V. de Espinho, cento e quarenta anos dedicados à preparação dos homens para a música, para a cultura.

Um mundo de sonhos e de dificuldades.

Uma realidade que é a constante força de vontade de um grupo de homens que nas suas horas de ócio, se dedicam a uma causa que não é deles pois pertence a todos nós e quantos de nós alguma vez pensou na Banda de Música.

Dez escudos é dinheiro, mas será uma verba tão grande e indispensável aos nossos bolsos, que não possam ser dispensados, não como uma esmola, mas com a boa vontade muito própria dos espinhenses?

Gostamos de ouvir a nossa Banda, deliramos e aplaudimos quando os seus músicos foram superiores à Banda rival, mas tudo isso será o suficiente para ajudar a Banda?



José Luís, Joaquim Vasconcelos, Carlos Ferreira e por último a Solverde.

D. E. — Se a Banda luta com dificuldades financeiras, porque motivo, vão buscar músicos fora? Já ouvimos dizer que é como as equipas de futebol.

ANT.º FREITAS — Bem... como as equipas de futebol não, mas na verdade temos necessidade de alguns músicos. O mal está em a Banda ter estado parada alguns tempos, depois, há um certo número de pessoas, que eram músicos nossos, isto é, que vieram para cá em muitas más condições financeiras, que nós muito ajudámos, deixaram de cá tocar, olhe... que alguns se têm bons empregos à Banda devem a boa situação que hoje desfrutam e o mais grave é que ainda andam por aí a ver se conseguem desviar os que cá temos, por tal motivo não é de admirar que tenhamos necessidade para alguns concertos ter que trazer alguns músicos, bem sei que são caros, mas o prestígio da nossa Banda tem que se manter.

ALBERTO PADRÃO — Mas os nossos problemas não são só esses, temos outros que com um pouco de compreensão decerto a nossa situação seria bem diferente, se não fossem os 50 contos que a Solverde nos dá, embora se destinem à escola de música, então a gravidade seria bem maior.

D. E. — Já que falou na escola de música, quer nos dizer qual o motivo, que a parte jovem se afasta quando a Banda dá concertos?

JOÃO SA — No meu ver, a explicação é fácil. Tudo isso se deve à pouca ou nenhuma iniciação musical que os jovens têm, como acontece nos grandes centros.

ANT.º FARIA — Já o mesmo não sucede quando actuamos mais para o interior, por vezes e muitas são, a maior parte da assis-

obrigatório a Bandar tocar, por exemplo, se a Banda que toca conosco na festa tal executa o Inferno, claro está que nós temos que responder com o 1812, e só assim é que o público pode apreciar o valor das Bandas, já reparou que nos grandes concertos dados por simfónicas de muito nome os compositores e as partituras praticamente são sempre os mesmos.

ANT.º FREITAS — Sabe quanto custa uma partitura? Há poucos anos com pouco dinheiro comprava-se uma partitura, agora é preciso muitos centos de escudos para a compra e outros centos em grande número para o copista, este problema da mudança de reportórios, julgo que não é só nosso, o mal deve ser geral.

«PARA OS DE FORA HÁ DINHEIRO MAS PARA A BANDA NÃO»

D. E. — Porque motivo a Banda, só actua, praticamente quando das festas da Senhora d' Ajuda e não dá concertos durante o ano?

ANT.º FARIA — Peço ao senhor Freitas, que diga toda a verdade sobre esse caso, se não faço eu, não há que ter medo de ninguém.

ANT.º FREITAS — Obrigado pela recomendação e não estou aqui para outra coisa, mas respondendo à sua pergunta, começo por lhe dizer que se não damos concertos dentro da cidade a culpa não é nossa. No tempo do falecido senhor Delfim Castro Lima, que foi presidente do turismo, a Banda durante a época de praia, dava vários concertos no parque, porque o sr. Delfim C. Lima, quando dizia que no dia tal estava lá um coreto não havia qualquer falha, ele até tinha um projecto de mandar construir no parque um auditório, porém, com a morte dele... agora se quere-

solidou a subida de divisão, caso a cidade tivesse um coreto, nós que vínhamos de actuar de uma festa pois naturalmente que compartilhava-mos com todo o gosto a alegria que a população espinhense vivia nesse momento, mas quer saber a melhor, aquele instrumento que ali está (trombone) custou-nos 3.200 francos franceses, fui ter com alguém cá da terra e com muita responsabilidade nos destinos do concelho, pedindo algum auxílio, como resposta foi esta, «se a Banda não tem dinheiro acabe com ela».

ANT.º FARIA — Já agora o sr. Padrão podia dizer o nome desse senhor, volto ao mesmo, tudo deve ser esclarecido.

ALBERTO PADRÃO — Talvez isso fique para um dia mais tarde, até porque, essa resposta para mim foi uma grande mágoa, sim... um dia de cara a cara...

D. E. — Quanto a subsídios?

ALBERTO PADRÃO — Nos últimos três anos temos tido 50 contos do Casino (Solverde), 5 contos do Governo Civil—este subsídio é dado todos os anos, ano passado recebemos 30 contos da Câmara, recebemos nós e as restantes colectividades se não estamos em erro, do resto nada mais temos.

D. E. — Então o Turismo, a Gulbenkian, o INATEL?

ANT.º FREITAS — Não queira saber as tentativas que temos feito, mas a resposta é sempre negativa, olhe que no tempo do sr. Delfim C. Lima, o Turismo todos os anos nos dava 7500 escudos, que não eram para pagar as nossas actuações, mas sim como um estímulo, agora, a longa-lengua é sempre a mesma, não há dinheiro.

Leia, assine e divulgue «DE»

UM ABRAÇO!

Escrever sobre Moreira Baptista é extremamente simples e complexamente difícil.

Simples, porque é sempre fácil escrever Justiça com base na Verdade.

Difícil, porque é sempre penoso lavar, com palavras, num terreno de ódios e mentiras, onde frutificam angústias, frustrações, e invejas.

Mas se falar de homens é, pelo fácil, ou difícil, subjectivo, escrever sobre factos não admite discussão.

E Espinho, é um facto, muito deve a César Moreira Baptista.

Queira-se ou não se queira, goste-se ou não se goste, se Espinho é hoje cidade tal se deve, em grande parte, a Moreira Baptista.

E isto, é um facto!

Daí este espaço que lhe dedicamos. Mais lembrança do que homenagem. Mais recordação do que o descerrar de uma lápide. Mais um abraço do que um discurso.

É isso: um abraço!



A NOSSA CIDADE

JUNHO DE 1973.

Sugere-me que publicamente me associe ao nosso júbilo de espinhenses nesta hora em que assistimos emocionados e felizes à promoção administrativa da nossa terra.

Fazê-lo através deste jornal onde, vão já decorridos tantos anos, alinharei palavras que sempre pretendiam ser de esperança no progresso de Espinho, dá-me uma sensação de conforto porque podemos verificar que, a capacidade criadora dos meus conterrâneos, correspondeu um acto de justiça do Governo.

Houve progresso porque os meus concidadãos o fizeram com determinação, imaginando bem e trabalhando sem desânimo; a justiça que foi pedida era evidente e as decisões adequadas foram assim tomadas em correspondência com os direitos morais que soubemos construir.

Compreender-se-á que me sinto orgulhoso por pertencer ao Governo que concedeu o foro de Cidade à que foi a vila de Espinho onde nasci. E que possa testemunhar também o vivo interesse do Presidente Marcello Caetano na formalização jurídica deste galardão, que é o reconhecimento público do desenvolvimento social e económico desta terra e da sua unidade espiritual.

Temos vindo a assistir nestes últimos tempos à concretização de sonhos de muitos anos. Espinho vai tendo assim possibilidades crescentes para progredir e tornar mais felizes os seus habitantes. É todo o esforço de uma Comunidade que soube congregar-se e fortalecer-se: mérito de cada um, sem dúvida; mas não nos ficará mal que tenhamos um pensamento de gratidão para todos quantos, ao longo de gerações, souberam, sem desânimos, lançar as pedras para a construção da Nossa Cidade que há-de ser cada vez mais bonita, mais próspera, mais grandiosa e que, com toda a veemência desejamos, também, cada vez mais unida e solidária.

DR. CÉSAR MOREIRA BAPTISTA

Quintas, Faria & Bernardes, Lda.

RUAS 16, N.º 766 e 25 N.º 367 — APARTADO, 38
— TELEF. 92 01 90 — ESPINHO

SOCIETARIOS DA FIRMA:

DISTRIBUIDORES DE CERVEJA DO VOUGA, L.da
ARMAZENISTAS DE MERCEARIA, GEREAIS, FARINHA,
GORDURAS, BATATA, ETC. AGUAS DE CARVALHELHOS

Dr.ª M. Graça Proença

RUA 19 N.º 192-3.º

Telef. 921841

Marcações e consultas depois
das 17 horas.

AGRADECIMENTO

Jaime Gomes da Cruz, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, agradece a todas as pessoas que se interessaram pelo seu estado de saúde, bem como àqueles que manifestaram o seu pesar pelo falecimento de sua irmã, Maria Gomes da Cruz.

Espinho, 11 de Junho de 1979

O QUE É O CAMPISMO!

Campismo!!!

Mas o que é o campismo?

Nem mais nem menos do que a reconciliação do homem com a natureza.

1. Como todos nós sabemos, o homem vivia, nos tempos primitivos, em permanente contacto com a natureza, caçando e pescando para se alimentar e resguardando-se em cavernas para se defender das intempéries.

Nessa ocasião, o homem era feliz e as suas ambições eram muito poucas.

Com o rodar dos tempos, o homem, que é um ser inteligente e imaginativo, começou a dar aplicação à sua inteligência.

Foi assim que procurou sucessivamente melhorar o seu «modus vivendi» até chegar aos nossos dias.

E hoje vive rodeado de todas as

comodidades que ele próprio foi criando, mas de que simultaneamente começou a ser vítima.

Acorrentado de uma forma atroz a tais comodidades que o trazem em permanente estado de ansiedade, procura constantemente uma evasão que o liberte, ainda que por momentos, dessa grilheta, regressando ao passado distante de milénios por sentir dentro de si uma força a puxá-lo para os grandes espaços livres da natureza para assim viver com o que foi o seu primeiro «habitat».

E então despoja-se de tudo — comodidades e luxos que criou para seu regalo — e enverga trajes simples, leves e despreziosos, demandando paragens desconhecidas com vista a encontrar o ar puro e o sol benfazejo que lhe vivifique o corpo e lhe dê aquela tranquilidade de espírito de que tanto necessita para se

compensar da vida intensa e desgastante que leva no dia a dia do trabalho rotineiro.

2. Há muitos anos — eu sei lá — talvez 30 ou 40, o campista era considerado e visto como um indivíduo «misantropo», ou indivíduo dotado de uma «tara».

É que, nesse tempo, o campista saía de sua casa, pela alva, com um muito simples saco de dorso onde levava a sua tenda de dimensões mínimas e meia dúzia de outros componentes indispensáveis e partia para o tal desconhecido, para o insólito e para a aventura à procura de um lugar onde repousar algumas horas, quando não alguns dias, em contacto com a natureza.

Quando encontrava o local que lhe parecia acolhedor e dotado dos requisitos mínimos, mas suficientes,

aí acampava, armando a sua frágil tenda.

Nos intervalos das suas sempre muito simples refeições, descansava e gozava então as belezas intermináveis que a natureza, sempre pródiga, lhe oferecia e com ela convivia intensamente.

A princípio, fazia-o isoladamente ou, quando muito, com um outro elemento de sua família ou amigo; depois, outros elementos se lhe juntaram e formaram pequenos agrupamentos; posteriormente se agregaram em clubes de mais vasta dimensão.

O campismo que então se praticava, tal como eu e os homens da minha geração o conhecemos e praticamos, era extremamente comunicativo, acolhedor e fraternal, dada a abertura que havia entre todos os seus componentes.

Nessa tempo privilegiavam-se en-

tão sempre aqueles bons companheiros que vinham de mais longe confraternizar.

A eles se dispensavam todas as honras por ser os que maiores sacrifícios faziam para não perderem momentos de sempre inesquecível camaradagem.

Através destes convívios se criavam sólidas amizades que ainda hoje perduram, apesar de um longo afastamento a que muitos foram forçados por virtude de uma vida profissional bastante intensa e diversificada ou razões de saúde.

3. Rodam os anos, a vida evolui e de novo tudo muda.

O campismo toma uma nova forma. Transforma-se em «campismo-turismo» e isto porque os custos sociais aumentam assustadoramente.

As pessoas que durante anos e anos faziam as suas férias numa casa de praia, para, durante um período de tempo mais ou menos dilatado, beneficiar de um justo e sempre merecido descanso depois de um longo e penoso período de trabalho, não o podem hoje fazer por essa forma.

Recorrem então ao «campismo-turismo» por ser mais económico e viável.

As comunidades locais, por si, ou por outras entidades que a si agrega e não importa aprofundar, quase sempre atentas a estas evoluções sociais estão a procurar dar satisfação àquela nova forma de vivência construindo parques de campismo dotados de todas ou de uma boa parte de comodidades, mas visando muitas vezes o lucro, sem atender na maior parte das vezes à sua melhor localização para inteiro benefício do utente.

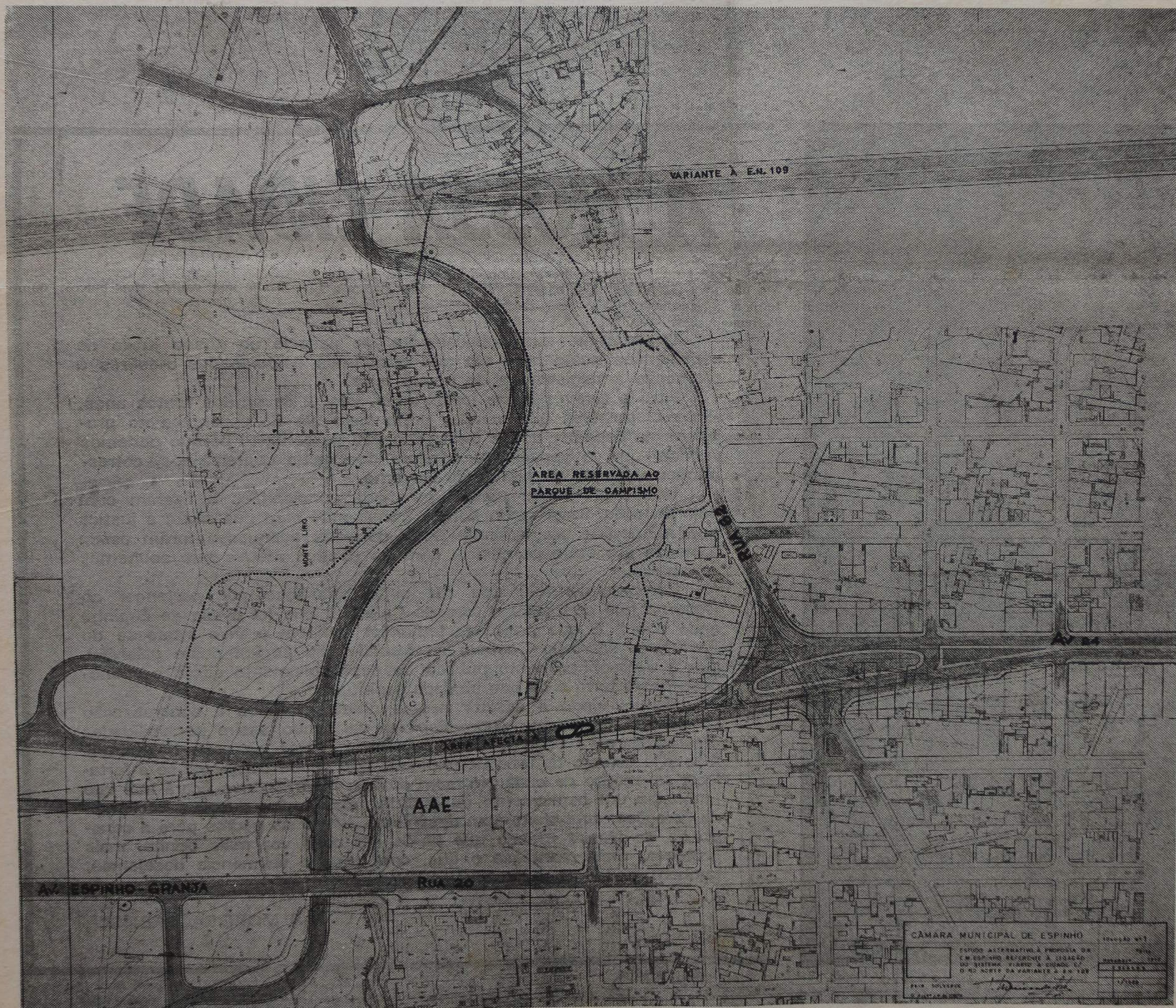
4. No que concerne a parques de «campismo-turismo» em Portugal, as carências são muito grandes e há zonas do nosso País, em especial no Norte, que não dispõem de tais infra-estruturas que hoje estão a ser muito procuradas pelas razões que acima se apontaram.

Todavia, elas devem ser devidamente estudadas, localizadas e estruturadas para servir sempre o melhor possível quem as procure.

No caso específico da cidade de Espinho (que não tem nenhum parque de campismo digno desse nome, pois o recinto em que tal se pratica é um pequeno espaço de terreno situado a nascente do jardim municipal em contacto com uma via de intensa circulação e, portanto, altamente poluída, sem nada que o recomende), parece-nos que aquele a que a SOLVERDE, por imperativo contratual está obrigada a construir é, do nosso ponto de vista, o que melhor servirá não só a cidade, mas muito especialmente os «campistas-turistas» que o venham procurar, porque, para além dos requisitos a que tais instalações são por lei obrigadas a possuir, ele virá a ter uma óptima localização que muito importa considerar.

É que o «campista-turista» de hoje, tal como o velho campista de ontem, apesar de continuar a procurar o repouso, o sossego e, ainda e sempre, o contacto com a natureza, não desdenha de ter à mão todas as comodidades.

Falcão Ribeiro



PRECISA-SE

ARMAZÉM

Para alugar na área de Espinho ou arredores. Indicar área, renda e local.

Resposta a este jornal ao n.º 116.

A S. Judas Tadeu

Agradece a S. Judas Tadeu Graças Recebidas e pede sempre protecção.

G. R.

BLOQUEIRA

FÁBRICA DE BLOCOS

Para comprar ou alugar na área de Espinho ou arredores.

Indicar condições e preços.

Resposta a este jornal ao n.º 106.

COMO RAMALHO ORTIGÃO VIU (EM 1887) ESPINHO

Imaginem uma grande feira. Largos arruamentos rectangulares. Lojas para a direita, lojas para a esquerda: camisarias, chapelarias, quinze-lharias, modas, em instalações provisorias nos prédios todos novos, com grande tabuletas de lojistas do Porto, sucursal deste, sucursal daquele, sucursal daqueloutro.

Circulando no macadame, uma espessa multidão rajada de tipos diversos de forasteiros.

Famílias espanholas, famílias beiroas, famílias lisboetas, famílias do Porto.

Janotas de Lamego, da Régua, de Viseu, com esporins e luvas novas, bigode farto, chapéu à banda, brasa ardente no charuto e no olho.

Eclesiásticos morenos, sólidos, de beiços grossos, sobranceiras cerradas, chapéus moles desabados, cabeça e volta ao pescoço, cigarro brejeiro nos dedos.

Pais de famílias salamanquinas, de jaleco cor de pinhão, sombreiro de toureador, cara rapada, e a trouxinha em lenço de seda suspenso da mão pelas quatro pontas.

Meninas de «tournée», vivos de veludo magenta na gola do vestido, chapéu-de-palha forma Carlos IX e botinas por engraxar.

Lavradores minhotos ou transmontanos, de capotes de briche com forro encarnado e gola de peles.

Mulheres do campo, sempre arripiadas na frialdade do banho, artilhos nus e descarnados, saia pelos ombros, mãos encruzadas no estômago, lenço na cabeça, cabelo em viseira sobre os olhos, pés arrastando chinelas.

Músicos ambulantes; tocadores de realejo; rabequistas cegos arranhando a «Marselhesa» acompanhada à viola; e mendigos de romaria, à moda antiga, de muletas, barbas grandes e sacola ao pescoço, como nos dramas da Rua dos Condes; ou de pernas às costas, em monograma, andando nas mãos como fantásticos aranhões.

Tudo isto bole, mexe, rabeia, de cá para lá e de lá para cá, no grande arruamento central a que chamam o Chiado, numa atmosfera vivaz, sacudida, peneirada por uma animação de arraial, confusa de cheiros e de ruídos diferentes, impregnada de vapores de fritura e de exalações de caranguejos fermentados ao Sol, envolta em poeira, repicada de pregões, de música feirense, do tilintar de dinheiro nas botas, e do estourar de foguetes na estação, aos comboios que chegam com banhistas novos.

Nas ruas novas, cortadas em quadrados simétricos como os quarteirões na Baixa de Lisboa, há quatro ou cinco hotéis, o do «Porto», o «Bragança», o «Particular», etc. Estão todos cheios.

No «Hotel do Porto», onde me acho, conta-me o proprietário que a família do nobre visconde de Ribeiro da Silva, morador em frente, tendo desejado jantar um dia à sua mesa redonda, ele tivera de pedir a oito dos doutores seus hóspedes, que ocupam de ordinário uma das cabeceiras, o obséquio de consentirem, por sua vez, em jantar em mesa suplementar, e à parte.

Oito dos doutores seus hóspedes é um traço inteiramente característico.

Espinho é, com efeito, e por excelência, além da costa célebre da sardinha, a piscina consagrada da magistratura.

De manhã na praia, à hora do banho, de tarde ao longo da estrada da Granja, ou no caminho nos pinhais circunvizinhos, vêem-se grupos

compactos de cavalheiros idosos, de passo lento e comedido, de uma compostura grave, entre modestos e majestosos, os quais, ao encontrarem-se uns com os outros — grupo que vai e grupo que vem — se saúdam reciprocamente, ouvindo-se de parte a parte em vasiadas vozes e em todos os diversos tons da afabilidade, honesta, não pueril, a palavra: — colega! colega! colega! colega! São suas excelências os juizes.

As senhoras vão como os homens à acreditada batota de Espinho. Lá tive a alegria de ver algumas apontando à roleta.

Mas o ponto dado às reuniões do belo sexo é de preferência — penso eu — a Assembleia. Neste virente jardim do ideal, todas as nobres artes vicejam portentosamente, bafejadas pela excitante brisa marítima. A poesia lírica, a música, a dança, pegam aí de estaca ou de enxertia com um vigor admirável. Enroscando-se em harmonioso concerto, o verso alexandrino, a cavatina de «triple», a fantasia ao piano e a quadrilha francesa bracejam e desabrocham em abundantes e imarcessíveis louros, envolvendo as fontes dos banhistas todos, como num escabeche de glória — imenso molho verde, molho de vilão em que sobrenadam os gênios, como os dentes de alho.

Em Espinho os banheiros, vestidos de baeta, saídos do mar escorrendo água, entregam-nos os seus bilhetes de visita, enquanto os banhistas, passeando gravemente na

estação, de chapéus-de-palha e sapatos brancos, com os seus bordões de cana da Índia com argolas de prata, abrem o correio de Lisboa e percorrem com zelo os jornais da manhã.

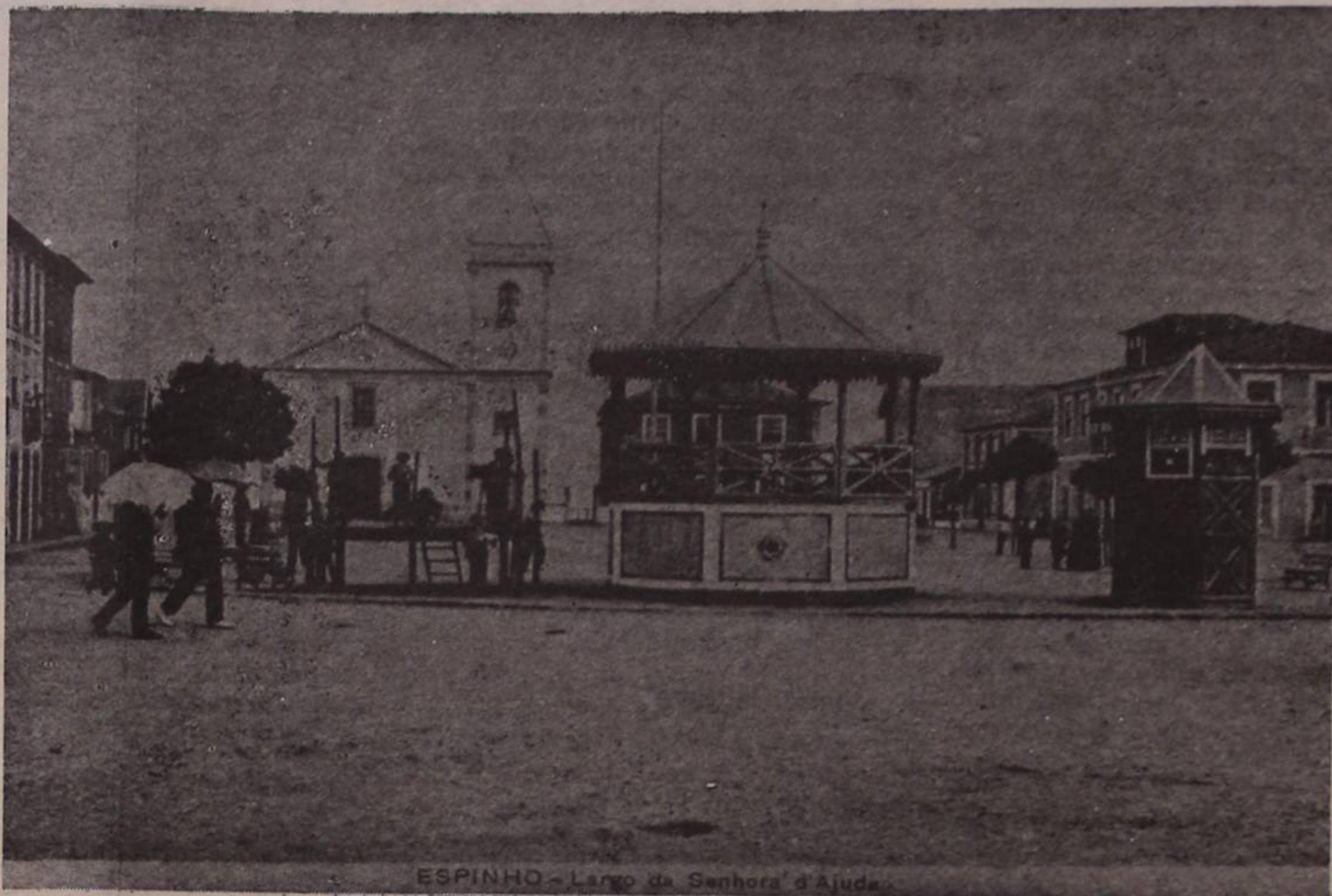
Porque, depois de Cascais, a Granja é a mais aristocrática das praias do litoral português. Espinho sabe isto, e não leva a bem.

Espinho tem a aristocracia da Granja constantemente atravessada

na goela. A Granja é a eterna espinha de Espinho. Quem a quer de Espinho a saltar viva é a animosidade dos espinhenses para com as elegâncias dos granjolas. Espinho disfarça o melhor que pode essa hostilidade que o deprime; mas o esforço que emprega para simular a indiferença, comprime-lhe os vasos intestinais e o músculo, e dá-lhe a fisionomia visagens ácidas de um sorriso lúgubre. Eles dizem apenas: Esses senhores da Granja... Mas estas simples palavras espere-

mem-lhes dolorosamente o fígado. Sente-me, mesmo por cima do fato e até olhando-os de costas, que, ao articular essa alusão, lhes entram para dentro, como chupados por uma animadversão entranhada, os dois botões que têm os fraques em cima dos rins. E, de cara, ao falar da Granja, já no «Chiado», já na praia, vê-se-lhes o azedume nos lábios e um toque de bílis extravasada aos cantos dos beiços, como cuspo de tigre.

(in «AS FARPAS»)



ESPINHO - Largo da Senhora d'Ajudá

(FOI ESCRITO EM 1973 MAS PODIA TER SIDO ONTEM)

PEQUENOS PROBLEMAS DA NOVA CIDADE!

POR CARLOS SÁRRIA

Há muito boa gente embirrando a sério com a mudança de denominação das coisas, permanecendo as coisas estruturalmente como eram dantes.

Eu sou abertamente do grupo. Aceito o mudar, sim senhor, todavia para evoluir e melhorar. Borrar a fachada, dando-lhe ar novo, mantendo o interior e os alicerces cheios de caruncho e mazelas, é obra que não interessa a ninguém, pelo menos a todos quantos têm um palmo de visão das realidades e dez réis de bom senso.

Ora, Espinho acaba de mudar. Deixou de ser vila, passou a cidade. Aparentemente nada modificou, apenas houve uma promoção na escala hierárquica, por virtude da terra espinhense ter atingido determinadas condições. Foi-se a vila (título), veio a cidade (outro título). A promoção, de imediato, nada resolveu. Nem podia resolver. Daí que, muito boa gente, tenha posto a interrogação: valeu a pena?

Sim, valeu a pena a mudança, ou temos nova fachada e cá por dentro continuamos com o caruncho e mazelas? Bom, subir de categoria é uma constante e uma consequência desejada da vida. Espinho elevou-se na categoria, por ter feito jus a tal e, portanto, a promoção surge por merecimento, deve-se aceitar, compreender, aplaudir e trazer-nos júbilo. Mal comparado, é como se um ente querido tivesse dado um pulo na vida, quicá, no seu

âmbito profissional. Foi um passo em frente!

E Espinho deu um passo em frente. Morreu a vila, nasceu a cidade. No dia 12 de Junho, feneceram os problemas que preocupam a vila de Espinho. Nesse mesmo dia, reentaram mais vivas as questões que causam transtornos à cidade de Espinho!

Se até aqui havia imperiosa necessidade de os resolver, pois agora essa necessidade é imperiosíssima. Temos mais responsabilidades. Existe outra categoria. Espinho sente-se honrado com a promoção, mas tem de honrar a promoção. E não pode continuar com as mazelas e o caruncho, por isso não era progredir, mas retroceder.

Não pode haver inebriamentos com o novo título, nem ele, «per si», nos sarou as graves feridas. Antes as agravou. Não podemos ficar veneradores e obrigados por sermos cidade, se não obtivermos tudo o resto preciso para fazermos disto a cidade, cujo título veio antes do muito que ela requiere. Sim, se antes pedimos e rogamos, agora muito mais razão temos de o fazer. E de ser escutados! Foram-nos reconhecidos requisitos para o sermos, agora têm de nos ajudar inequivocamente a sê-lo na realidade!

A vila de Espinho solucionou, de um dia para o outro, com facilidade incrível, toda a sua vasta problemática. Acabaram as questões rodoviárias; o mar deixou de ser pro-

blema; a C.P. e os seus «cancros» já não contam; a urbanização é assunto morto; os passeios e as ruas passaram à história; o desenvolvimento turístico ficou na poeira do tempo; findaram as carências sociais, culturais, de ensino desportivo, humanas, que por aí campeavam em catadupas; a falta disto e daquilo, daqueloutro remediou-se finalmente!

Pronto, num ápice!

Mas, por acaso, e isso é natural, pois afinal somos uma cidade recente, aparecem pela nova urbe, uns problemazitos que urge resolver para não acontecer como com a antiga Vila de Espinho, que aguardou anos e anos, para solucionar os seus duma forma realmente eficaz... no dia 12 de Junho!

É que, há por aí apenas umas questões rodoviárias; um mar a preocupar-nos seriamente; a C.P. a causar-nos veros engulhos; a urbanização a dar-nos dores de cabeça;

os passeios e ruas a precisarem de ampla reforma! o desenvolvimento turístico por fazer na verdade; muitas carências sociais, culturais, humanas, de ensino, desportivas; uma série de falhas notórias nos mais variados aspectos.

Portanto, vamos resolver isto tudo enquanto são problemas novos, efectivamente próprios e naturais duma urbe nova, pois lá de vila passamos a cidade, contudo de cidade a... distrito não é crível, não é?

Jubilemos em ser cidade, uma promoção merecida, lógica, contudo, se o título nos traz muita honra, não nos subtraiu aos problemas, antes nos aumentou as responsabilidades, determinando-nos uma resolução como se impõe e no mais curto prazo de tempo.

Isto é que nos trouxe a CIDADE DE ESPINHO, e o que deverá ser compreendido, e bem, a todos os níveis!

RAPAZES DOS 14 AOS 16 ANOS

ACEITAM-SE INSCRIÇÕES DE CANDIDATOS
PARA PREENCHIMENTO DE ALGUMAS VAGAS NA
LUSARTE — Fábrica de Candeeiros Eléctricos e Ménage
Telef. 920080 — Apartado 16
Monte Lirio — ESPINHO

PARABÉNS ESPINHO... PARABÉNS!

Vai Espinho entrar no 6.º ano do seu foral de cidadania e, ao comemorar esta efeméride, maior prémio não poderia desejar, além do que generosa e milagrosamente lhe é oferecido. Remédio para todos os seus males e pomada miraculosa, para todas as chagas e, assim:

Não mais falta de habitações. Não mais falta de estabelecimentos de ensino nem hospitalares. Não mais falta de infantários nem lares para a terceira idade. Não mais entradas pagas pelas crianças na piscina. Não mais falta de água, luz e saneamento. Não mais passeios não-cimentados nem mais ruas com buracos. Não mais deficientes acessos à cidade. Não mais falta de parques de estacionamento, para que os carros saiam de cima dos passeios. Não mais lixo nas ruas que a nossa falta de civismo ali deposita. Não mais buzinações estridentes de dia e de noite, com o completo desprezo pelos direitos dos outros. Não mais relva pisada nos locais ajardinados, pelo nosso elevado bairrismo. Não mais falta de areia na praia, por falta duma defesa eficaz. Não mais projectos feitos em cima dos joelhos. Não mais projectos dentro das gavetas, não mais doenças incuráveis... não mais inimigos de Espinho, etc., etc.

E para que todas estas maravilhas fossem possíveis, não foi preciso mais do que «a grande revelação»: (quem diria...) Que a Câmara não é a que se escolheu. Que o seu presidente é ou foi comunista. Que o Mário Soares tem saudades da «gaiola». Que o António Macedo é, foi, é, etc., e tal. Que o Alvaro Cunhal não pode coçar a cabeça. O que disse Gomes da Costa a Otelo. Que o Presidente da República, Eanes, leiloou o relógio, etc., etc.

Sensacional!... Não acham? Pois caros espinhenses, todas estas anunciadas prospectivas que serão seguras realidades, só se devem ao grande benemérito do nosso concelho, Ex.º Sr. Dr. Fazendo Borrada.

Considerando que Espinho não tem uma só estátua, nem um só busto, porque até agora não teve o concelho personalidades que tal honra alcançassem, proponho se nomeie uma comissão para angariar fundos para se erguer, em frente aos Paços do Concelho, uma estátua ao grande «reformador» da nossa cidade e do nosso conceito de vivência.

...Que assim seja...

Junho de 1979

A. O.

SILVALDE

O ESPINHO É CAMPEÃO!

Depois de 30 jornadas, tendo conhecido o amargo da derrota, apenas por duas vezes, sendo uma delas, talvez, incrível, os briosos rapazes do Espinho sagraram-se campeões da Zona Norte, uma zona onde se sabia haverem equipas muito poderosas e que, com tal objectivo se tinham apetechado. O Espinho, porém, com uma equipa que, à partida, não era tida como favorita soube, com a sua humildade, ir torneando todos os obstáculos difíceis que se lhe depararam pela frente e, assim, os rapazes da camisola alvi-negra chegaram à jornada decisiva decididos a levantarem, bem alto, o nome da terra que representavam — a LINDA CIDADE DE ESPINHO! E, lá estava tremulando ao vento desse dia invernal, que depois foi tornado glorioso, o belo estandarte com o nome de SILVALDE, o que quer dizer que, todos os desportistas silvaldenses estiveram, de coração, com o SEU ESPINHO!

Parabéns, rapazes!

Agora vem a fase final do campeonato. E, como já estamos habituados, esperamos mais umas JORNADAS DE GLÓRIA.

GRUPO CORAL

Foi com a maior satisfação que tivemos conhecimento de que, em Silvalde, se anda a ensaiar um GRUPO CORAL que, para já, conta com a adesão de jovens de ambos os sexos, cujas idades variam entre os 13 e os 70 anos, num total de cerca de 40/50 elementos.

Embora não estivéssemos presentes a qualquer ensaio, o facto é que há dias tivemos a dita de, relativamente perto, apreciarmos o grupo. E, francamente, gostamos!

Ao mesmo tempo, sentimos uma imensa alegria, não só por ver que, finalmente, começou a pensar-se, a SÉRIO, numa actividade cultural, mas também por sentir que, em parte, temos a nossa quota-parte no irromper dessa mesma actividade.

Só fazemos votos é que não venha a ser FOGO DE VISTA, como tantas coisas que têm surgido em Silvalde, isto é, só para o «dia em que o rei faz anos»!

OBRAS DO ADRO

Embora devagar lá vão continuando as obras do Adro, que se vai alinhando, dia após dia.

Em pedra de calcário e de basalto, já se notam os desenhos, embora simples, mas que, francamente, nessa mema simplicidade denotam harmonia e uma sensação de paz, condizentes com o local.

Segundo nos foi dito, mas não de fonte fidedigna, conta-se que as obras estejam prontas quando cá vier o sr. D. António, Bispo da Diocese, o que se espera ser brevemente.

A NOSSA BANDA

No passado dia 11, sexta-feira, no Salão Paroquial, teve lugar um CONCERTO MUSICAL, levado a efeito pela nossa banda de música, o qual se destinava, em especial aos sócios, embora dele pudessem beneficiar qualquer pessoa interessada na ARTE MUSICAL.

O respectivo repertório constou das seguintes obras: — «La gratia de Dios», «Um dia em Viena», «Uvas do Douro», Ponto Final», finalizando com a marcha «José Pedro» tendo demorado aproximadamente 2 horas. Só foi pena que, a tão bela acti-

vidade, apenas tivessem assistido cerca de 60 pessoas!!!

No próximo número publicaremos uma entrevista que fizemos a um dos mais entusiastas (se não o mais entusiasta!) componente da Banda — o conhecido Joaquim Correia.

ASSEMBLEIA DE FREGUESIA

Realizou-se no passado dia 8 mais uma sessão, que por falta de tempo publicaremos no próximo número. — C.

enfermeiros

CENTRO DE ENFERMAGEM DE ESPINHO

TODOS OS SERVIÇOS DE: ENFERMAGEM * OXIGÉNIO CAMAS ARTICULADAS, etc.

HORÁRIO:

das 9 às 12,30 horas
e das 14,30 às 19 horas

SÁBADO das 10 às 12 h

— Telefone 921587 —
Rua 16, n.º 868 — ESPINHO
(Frente à Igreja)

A CASA QUE FALTAVA EM ESPINHO NOVELO

Tudo para Tricot e Crochet

Rua 18 n.º 584 — Espinho — Frente ao Banco Espírito Santo

A S.º ANTONIO

Agradece a Santo António Graças Recebidas e pede sempre protecção.

G. R.

CORFI — Organizações Industriais Têxteis

MANUEL DE OLIVEIRA VIOLAS, S. A. R. L.

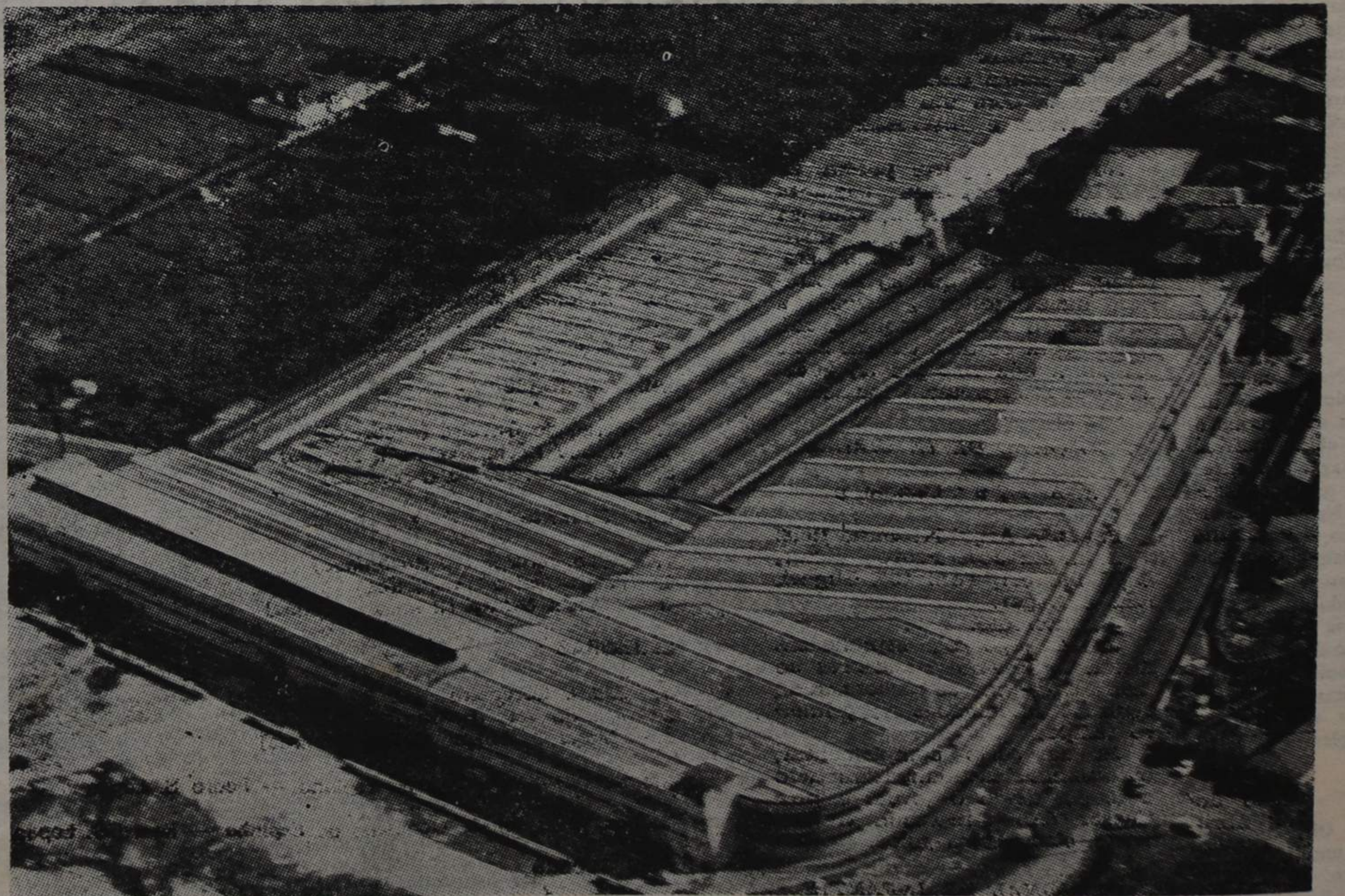
TELEFONE, 921575 — TELEX 22256 CORFI P — TELEGRAMAS, CORFI — APARTADO, 28 — 4501 ESPINHO CODEX — ESPINHO

- Fundada em 1944 — 35 anos ao serviço da Economia Nacional.
- A maior empresa do Ramo no nosso País e uma das maiores do Mundo.
- Pioneira no fabrico dos Fios Agrícolas em Portugal, o que constituiu autêntica revolução industrial do sisal.
- A primeira Firma Portuguesa a introduzir os produtos de sisal no mercado estrangeiro.
- Faz parte do grupo das maiores firmas exportadoras nacionais, conforme Livro de Ouro do Fundo de Fomento de Exportação.
- Estudou e criou tecnologia que permitiu lançar em grande escala a produção de cordoarias, redes, tela e sacaria sintéticas dando lugar à constituição da — COTESI.

FABRICANTE DE:

Cabos e Fios de Sisal e Manila e Produtos da Indústria Metalomecânica

— Máquinas e Acessórios para a Indústria Têxtil e Cordoaria.



CORFI — símbolo de qualidade reconhecida internacionalmente

PARA A HISTÓRIA DA CIDADE

UM ARTIGO DE F. VALE GUIMARÃES
ESCRITO EM JUNHO DE 1973

Foi há quatro anos. Após uma reunião de trabalho na Câmara percorri uma vez mais, as ruas de Espinho, já noite dentro. Acompanhavam-me Nunes dos Santos e Manuel Violas. «Isto» é mesmo uma cidade, exclamei! Vamos trabalhar por ela.

Assim nasceu a ideia — pelo menos a nível de Governo Civil.

Dei conta do propósito a Manuel José Homem de Melo, então Presidente da A.N.P. Distrital e aos deputados Manuel Soares e Homem Ferreira, com quem me encontrei no dia seguinte. Ainda a Fernando de Oliveira, que presidia à Junta Distrital (agora presidente da A.N.P.). Todos, com entusiasmo, apoiaram a ideia. Até com carinho. Em Aveiro, com Artur Moreira e Eduardo Cerqueira à cabeça, o acolhimento excedeu quanto era legítimo, esperar.

No Verão de 70, com Homem Ferreira, visitei as unidades industriais da vila. Para comprovar o que suspeitava da sua validade e dimensão. Houve jantar. Mais de duzentos assistentes, predominando os homens do comércio e da indústria.

Aos brindes, falou-se abertamente na Cidade. O Governador foi cauteloso. Ainda não tinha apresentado o problema ao Governo. Mas deixou transparecer o propósito que o animava e a convicção com que defenderia a pretensão.

Não foi necessário dialogar muito com o Governo. O Ministro Gonçalves Rapazote conhecia bem Espinho, seu impressionante progresso, suas potencialidades. E

sabia a ténpera das suas gentes.

Levou o problema a Marcelo Caetano. No Chefe encontrou plena receptividade. Também conhecia os bons fundamentos da pretensão. E sabe-se quanto lhe é grato fazer Justiça. A todos os níveis e em todas as dimensões.

Dizer que Moreira Baptista, desde a primeira hora, acompanhou todo o desenrolar do acontecimento emprestando-lhe valimento e entusiasmo, seria supérfluo. É espinhense dos mais devotos. Com excelente folha de serviços prestados à terra e suas gentes.

Por seu lado, Câmara, Comissão da A.N.P. e demais entidades e individualidades responsáveis foram infatigáveis. Pegaram no problema com paixão.

Esta a traços largos, a história do histórico acontecimento.

1973 é o ano Grande de Espinho.

Foi a comarca em Abril; a cidade em Junho. É o arranque das obras que vão deixar a Cidade respirar e progredir mais (passagens inferior e superior à linha férrea). É o ano do início da construção do seu imponente edifício liceal; do seu Infantário (tão necessário). Seria ainda o ano do início da construção da ligação à Granja e espera-se que o da renovação e modernização das instalações do caminho de ferro. É o ano em que o Ministro Rui Sanches, sempre tão cuidadoso, anunciou a construção da Via Rápida Espinho-Porto. Também boas comunicações Espinho-Aveiro ficarão asseguradas com a

construção, já divulgada, do dique-estrada Aveiro-Murtosa, a ir a construção no próximo ano e com a reconstrução, já em bom curso, da estrada Furadouro-Esmoriz. É o ano da automatização do serviço telefónico (velha aspiração).

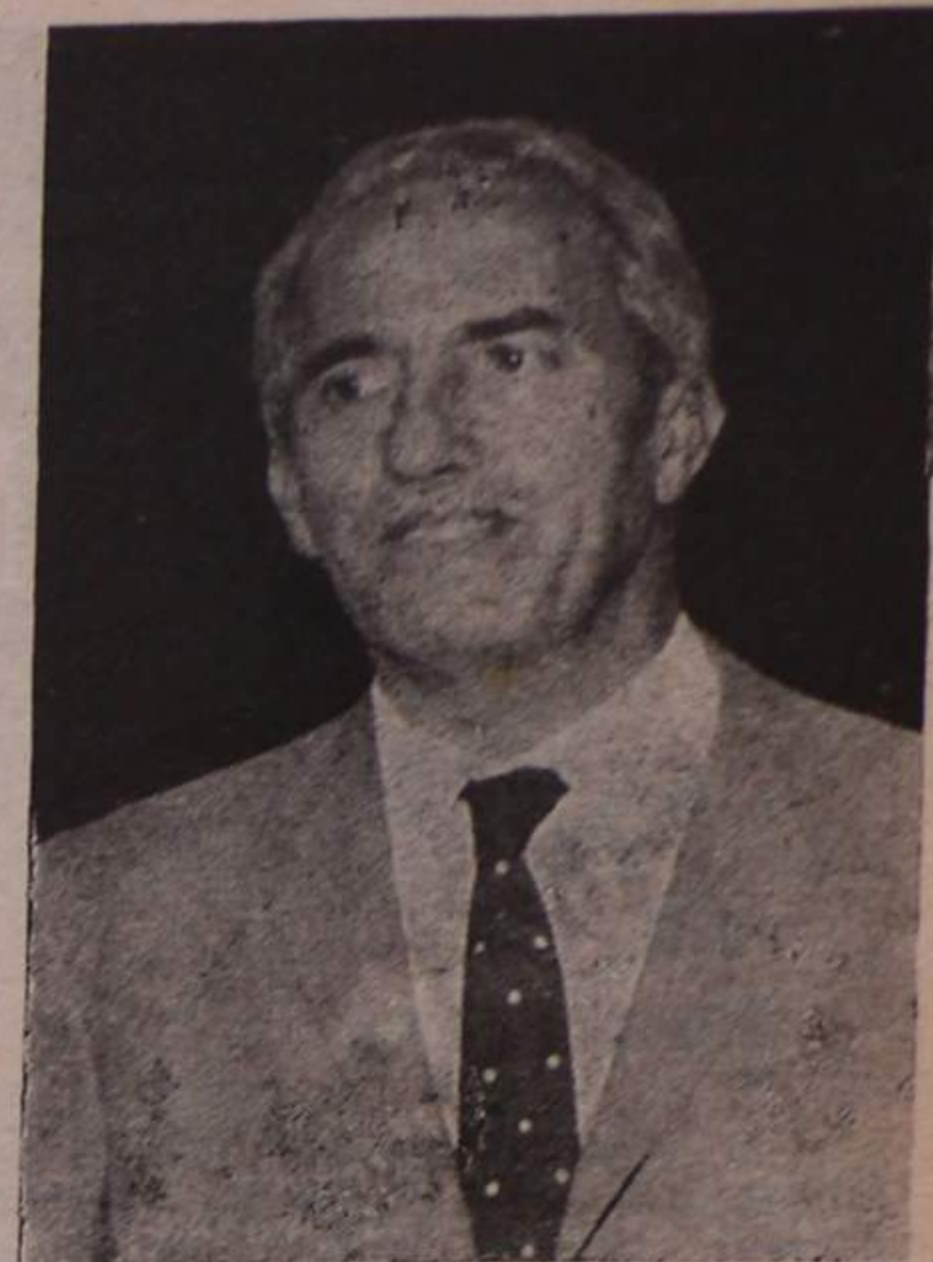
Finalmente — e só para referir realizações verdadeiramente significativas — será o ano de expansão do seu prestigiado Hospital e aquele que levará ao estudo das obras complementares de defesa da praia.

Algumas destas obras atrasaram-se, no seu lançamento, porque estudos e projectos foram demorados.

No entanto, com maiores ou menores atrasos, a verdade é que tudo se vai realizando. Tudo aquilo em que o Governo tomou posição. Sinal de que não promete com intenção demagógica. Só para realizar.

Palavra de homenagem. De justíssima homenagem. Para todos os espinhenses que o são pelo nascimento ou pelo coração. Foram eles que fizeram crescer a terra e a prestigiaram, ao investirem nela capitais, energias e engenho. E para o Governo, que a foi dotando da infra-estruturas correspondentes ao seu desenvolvimento.

O aveirense, portador de mentalidade eminentemente distrital como sou, vive o acontecimento com a mesma vibração de inteligência e de alma de qualquer espinhense. E regozija-se por ver a sua cidade capital a dar uma vez mais testemunho daquela mesma mentalidade. Aveiro tem, na verdade, consciência das suas responsabilidades de cidade capital deste grande Distrito. Daí, não querer só progresso e honrarias para si. Mas também para



todas as parcelas do seu vasto território. Nisto, que é amor e interesse pelo Distrito inteiro, nenhuma outra capital a excede. Viva a Cidade de Espinho.

O PARQUE DE CAMPISMO SOLVERDE

Com lotação para um mínimo de 800 campistas, mas com disponibilidade de terreno para poder mais tarde ser alargado, vai ser construído, nos terrenos da «Quinta de Agostinho Tavares», por detrás do pavilhão ginnodesportivo da Associação Académica de Espinho, numa zona profundamente arborizada e dispondo de dois moinhos de vento, bastante deteriorados, mas que serão restaurados, o Parque de Campismo da «Solverde», que ocupará inicialmente uma vasta área de 38 200 metros quadrados, devidamente adaptada à construção, para que Espinho possa oferecer ao turista nacional ou estrangeiro um parque à altura do seu valor turístico.

Espinho necessitava de um parque que substituisse o actual, junto à Avenida 24, de dimensões excessivamente reduzidas, que não serve de modo algum o grande afluxo de campistas, quer pelas comodidades quer pelo seu tamanho, salvando-se apenas a centralização, que facilitava sobremaneira o acesso à cidade para tomarem as suas refeições.

Na periferia de Espinho, de Francelos ao Furadouro, há numerosos parques, com maiores ou menores requisitos, que servem o turista nacional ou estrangeiro, de harmonia com as suas possibilidades económicas. Neste momento, tanto o de Esmoriz como o do Furadouro sobressaem, quer em dimensões, quer em comodidades, já que os restantes são enormes porções de terreno arborizado, onde proliferam as tendas e se mantêm com enorme frequência.

O Parque «Solverde» fica instalado numa zona nova, com magníficos acessos rodoviários, quer através da via rápida Espinho-Praia da Granja, quer pela avenida que liga à Ponte de Anta (em construção)

e que passa mesmo junto ao leito do Rio Largo, onde se localiza o Parque.

Bons arruamentos, dotado de Snack-Bar, minimercado, piscina de recreio, restaurante e sala-convívio, o Parque «Solverde» envolve para já 30 000 contos e oferecerá ao visitante e utente as melhores condições sanitárias e de repouso imagináveis sob a frondosa verdura que cobre o recinto.

Blocos sanitários, saneamento, água e electricidade são alguns dos componentes que converterá todos os recantos deste parque num verdadeiro paraíso.

Depois, a localização pinhal-mar, a cerca de 500 metros da melhor zona da praia — o Norte, de onde podem fazer o trajeto já equipados com o fato de banho ou bikini. Os automobilistas poderão dispor de um posto abastecedor de combustível, a cerca de 200 metros, com serviço de mecânica e trabalhos inerentes, o que ainda mais facilita o turista.

Acesso bastante acessível e agradável ao centro da cidade, que poderá ser efectuado a pé, integrando-se na vida nocturna de veraneio, sempre aliciante, que Espinho oferece aos seus visitantes.

- IMPORTAÇÃO
- EXPORTAÇÃO

Manuel Pereira Fontes & Ca., Lda.

FÁBRICA DE TAPEÇARIAS

TAPETES E CARPETES MANUAIS
CARPETES E ALCATIFAS MECÂNICAS «WILTON»
E «AXMINSTER» LISAS E COM DESENHOS

Equipa especializada em assentamento de alcatifas em todo o país

«REALCE»

MARCA REGISTRADA

TELEFONES, 921316/17/18

MARINHA — SILVALDE — ESPINHO
TELEX 22255 — FONTES-P

A S. JUDAS TADEU

Agradece graça
recebida **M.S.Q.**

VENDE-SE

2 Armazéns próximo da Estação de Esmoriz.
1.º — c/ 1.856 m² de área coberta e terreno anexo c/ cerca de 2.250 m².
2.º — c/ 550 m² área coberta e terreno anexo c/ cerca de 200 m².
Tel. 9642137 ou 056-72610

«PNEUS CAR» Telef. 923266



CENTRO DE VENDA DE PNEUS NACIONAIS E ESTRANGEIROS ASSISTENCIA TECNICA

— ALINHAMENTO DE DIRECÇÕES
— EQUILIBRIO DE RODAS
— VULCANIZAÇÃO DE CAMARAS

Rua 18 n.º 1010 (Rua da Igreja) Espinho

Policlínica de ESPINHO

Rua 14 n.º 437 — Telef. 923398

Junto Estação das camionetas Porto — Espinho

VÁRIAS ESPECIALIDADES EM SERVIÇO NESTA POLICLÍNICA E QUE JÁ É DO DOMÍNIO PÚBLICO.

Serviço Médico Permanente (Nocturno e Fins de Semana) nesta policlínica ou ao domicílio.

Enfermagem permanente dentro em breve

RONI

SNACK - BAR  **RESTAURANTE**

ÂNGULO DAS RUAS 26 E 23

(Saída para o Picoto)

ESPINHO

ESPECIALIDADES INDIANAS
ARROZ DE CARIL À INDIANA
PEIXE FRITO À INDIANA
CHAMUSSAS * BIRIANI
PULAU * PRATOS DIVERSOS

ESPECIALIDADES AFRICANAS
GALINHA À CAFREAL
FRANGO DE CHURRASCO
(assado a carvão)

Confecção esmerada por cozinheiras indianas

— VENDAS PARA FORA —

COZINHA PORTUGUESA

O LOCAL IDEAL PARA ENCONTRO DE AMIGOS

O PRAZER DE UMA REFEIÇÃO TÍPICAMENTE INDIANA EM PORTUGAL, NUM AMBIENTE FAMILIAR E SELECIONADO

► **ESPERAMOS POR SI!** ◀

...E POR AÍ VIZINHO COMO VAI ISSO?

EM OVAR...

«ATÉ PARECE BRINCADEIRA»

Em Agosto do ano passado, numas das suas reuniões a nossa Câmara deliberou integrar na zona urbana da Vila, toda a sua área poente, até aí considerada zona sub-urbana ou rural, englobando, entre outros, os lugares da Marinha, Ribeira, Carregal, Torrão do Lameiro e Furadouro.

Nessa altura, ficou à espera de resoluções burocráticas a zona nascente, ainda hoje sub-urbana e que agrupa os lugares de S. João, Ponte Nova, Ponte Reada, Assões, Cimo de Vila, Sobral, Salgueiral, Sande e Guilhoval entre outros.

Tudo isto seria normal se, não acontecesse o facto insólito de, depois de comunicada a deliberação às entidades competentes, não tivessem sido emanadas directrizes, que pelos vistos se contradizem, dos supremos comandos das forças da ordem aquarteladas em Ovar — a G.N.R. e a P.S.P.

Segundo conseguimos apurar, a estas chegaram instruções de tal forma lacónicas que acabaram por criar uma zona de ninguém em toda uma faixa com cerca de 1.500 metros de largura no sentido Norte/Sul, mais propriamente entre as placas que até então delimitavam a parte urbana da Vila e o lugar do Furadouro da mesma freguesia.

Isto vem a propósito de nesta terra de ninguém, como lhe chamamos, quer a G.N.R. quer a P.S.P. não intervirem por, em face das tais directrizes incompletas ou ambíguas, a área não pertencer a qualquer delas. Então a quem pertence?

Segundo consta, as tais instruções de cima falam em freguesias do Carregal e do Furadouro. Onde é que isto algum dia existiu?

Parece-nos que aqui é que estará o busilís da questão. Que sabemos toda a área referenciada pertenceu sempre à freguesia de Ovar antes dividida em urbana e sub-urbana e hoje continua a pertencer mas integralmente urbana.

Este estado de coisas vem criando desconfiança e uma imagem nada agradável das forças da G.N.R. e P.S.P. junto das populações pelas constantes recusas de parte a parte de intervirem na área em dúvida, mas só para aquelas citadas forças.

Ainda na passada segunda-feira mais um episódio — ridículo ou cómico, como se queira chamar — se registou. Para um acidente registado na Marinha e ainda para outro verificado no cruzamento do Carregal — este, mais um, por falta de respeito ao sinal de Stop — qualquer das forças não compareceu depois de alertadas para o que se passava. Em primeiro lugar estava o cumprimento à risca do que está determinado.

Alertado entretanto o comando distrital da G.N.R. de Aveiro, via rádio, eis que surge a solução. Inacreditável é certo, mas apareceu.

Uma brigada móvel de trânsito da G.N.R., desloca-se de Aveiro a Ovar, propositadamente para resolver o problema. Houve custos desnecessários, correram-se riscos, só porque neste país ninguém se entende.

Há que colocar as coisas no seu devido lugar. Ou será que alguém está apostado em deitar Ovar para o caixote do lixo? Até parece. Senão vejamos:

Para além desta inacreditável situação, pretende-se passar a 2.ª classe a nossa Comarca, que é de 1.ª, como aqui já se alertou. O nosso hospital diz-se, vai passar, pelos vistos, a simplíssimo Centro de Saúde com total desprezo das estatísticas apresentadas e dos interesses regionais; e, finalmente, diz-se também, os comboios chamados rápidos deixarão também de parar em

Ovar. Querem assim ou com mais molho? Parece ou não parece brincadeira, mas de muito mau gosto e que fere, fundamente, a nossa sensibilidade, os nossos bríos e os melhores interesses da nossa comunidade?!

M. A.

(IN «NOTÍCIAS DE OVAR» 7/6/79).

EM LOUROSA...

NEM CAMINHOS NEM SANEAMENTO

Prometemos focar novamente, no aspecto mais eficiente de que é merecedor o laborioso povo do lugar de Bóco, o arranjo deste caminho desde o lugar da Lavoura até à sua bifurcação para Poente no caminho de Vila Verde. Princípios por confirmar que, façam o que fizerem, nada conseguirão de prático e resistente sem a utilização de canalizações em determinadas extensões, que até nem serão longas, uma vez que, sendo um lugar baixo, todas as águas ali vão naturalmente juntar-se. A meio deste lugar, outro premente e fácil arranjo (que para toda a gente é um grande arranjo) consiste em pavimentar-se, depois das águas canalizadas, o leito completo do caminho que, no Inverno e mesmo no Verão, é um autêntico lençol de água em toda a sua largura. Consequentemente, tal como esteve desde sempre e continua a estar, é uma miséria inegável e absolutamente inconcebível para quem do mesmo, e tanta gente é, se tem necessariamente que servir. Não, Senhores Responsáveis!... Este caminho não pode esperar pelas canalizações do saneamento que, cremos, não estará localmente funcional e nem será talvez iniciado no próximo decénio. Coloquem-se pois as canalizações vulgares que poderão ser, após o saneamento, eventualmente recuperáveis noutras obras camarárias, para que este nosso povo tenha, de facto por direito, um mínimo de condições de acesso a suas casas e demais instalações, já que se trata, pelas construções existentes e algumas de estilo admirável, de um aglomerado populacional bem digno por consequência lógica de um caminho decente.

(In «Correio da Feira» — 8-6-79)

EM LAMAS...

«E AS AUTORIDADES CALAM»

Continuam os vândalos a desfrutar nesta terra, duma protecção que já vem sendo demasiadamente precária.

Precária a protecção dos vândalos, porque se por um lado os seus nomes são encobertos pelas nossas autoridades competentes, por outro lado eles mesmos (os vândalos) são a toda a hora apontados a dedo na rua, falado nos cafés, etc.

A quem interessa este estado de coisas? Porque não se ilucida a população de Lamas do que está a acontecer?

Ultimamente e para lembrar minimamente as últimas façanhas, o CCR e a Cantina Escolar foram vítimas de crimes, que ao que ouvimos estarão a ser encobertos, por razões que não vislumbramos.

Não seria uma justiça, que a própria justiça (se é que ela existe) desvendasse os mistérios que diariamente quase se avolumam sobre os pobres desprotegidos e honrados habitantes?

J. Rodrigo

(in «UNIÃO» — Maio - 79)

EM PONTE READA...

ATÉ DÁ GOSTO

Mais uma vez a marcamos com pedra branca, mas desta feita em pleno escopo do topónimo epigráfico, visto ostentar, já, uma linda faceta, que lhe empresta a nova pavimentação da Rua de Trás, há tempos crismada oficialmente de R. do José das Dornas, pois ali viveu e morreu (embora vindo de Travanca) esta personagem das «Pupilas», com quem tanto gostava de conversar o mimoso e genial romancista Joaquim Guilherme Gomes Coelho — mais conhecido pelo nome académico de Júlio Dinis.

Tal pavimentação, que reveste presentemente o espaço desde os Santos Mártires de Marrocos até ao Largo do Correia, é deveras curiosa, mercê do feitio dos paralelepípedos, que por seu turno também são diferentes em qualidade dos habituais, visto serem constituídos de cimento bem duro, o que tudo lhes dá um aspecto bastante pitoresco, sendo mesmo, único este sistema em toda a Vila.

O mesmo processo foi adoptado, também e ultimamente no caminho da Cavada (começo) e Bairro Araújo, por isso que ficou esta zona bastante bizarra e optimamente servida no aspecto viatório.

Quem havia de dizer!...

Por outro lado, a estrada da Escola ficou, mesmo, que é um encanto!

Agora, sim, já as crianças se apresentam no referido estabelecimento escolar com o calçado decente, pelo menos limpo da lama ou poeira, que ainda há bem pouco o conspurcava horrivelmente!

E a verdade é que tal via de comunicação possuía, já, todas as características de autêntico chuveiro ou tremedal!

Porém, do modo como agora se apresenta, é bem outra loiça, dando, até, gosto de nela se plainar, por isso que às crianças não se lhes daria que a Escola ficasse, presentemente, muito mais afastada ou remota!

(in «Notícias de Ovar» — 7/6/79)

VENDE-SE

PEUGEOT 204 c/ motor 304
Diesel

Falarº RUA 14, n.º 728
Tel. 921277 — ESPINHO

PASSA-SE

Salão de Cabeleireiro
em Espinho

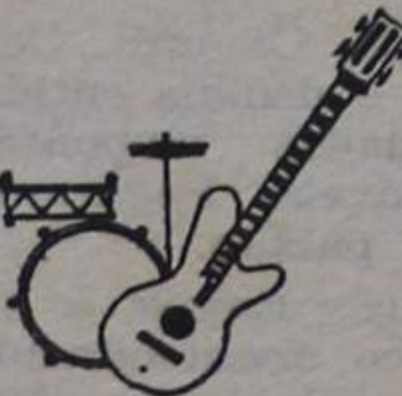
CARTA A REDACÇÃO
AO N.º 86

ÓPTICA PIRES

Completo sortido de armações modernas — óculos de sol — sempre os últimos modelos. — Aviamos receitas da Caixa de Previdência

Rua 14, n.º 257 — ESPINHO
— Telefone 920296

CASINO DE Espinho



jantares
concerto

slot machines

cine teatro

★ MÚSICA DE BAILE

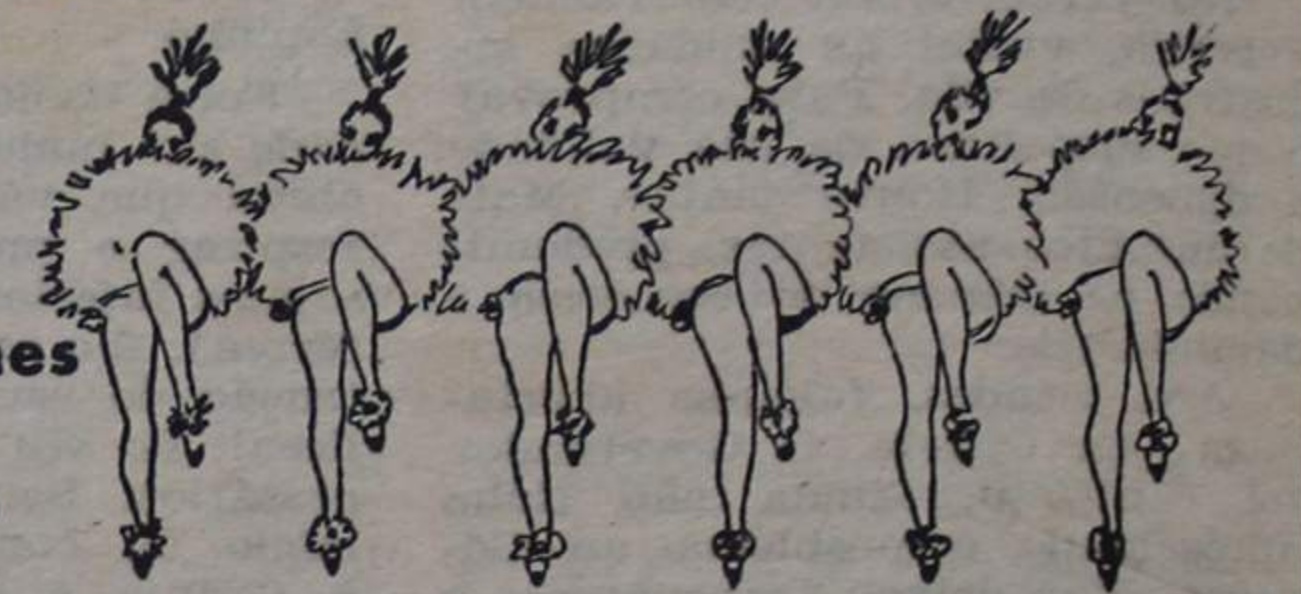
Pelos afamados Conjuntos
SAMBA 4
AFTER LOVE

★ RESTAURANTE-BOITE

ESMERADO SERVIÇO
SEGUIDO DE BAILE DE VARIEDADES

★ VARIEDADES

- CASINO BALLET
Ballet Inglês
- DUO NOVE
Acrobatas Húngaros
- CAROLINA
Cançonetista Portuguesa



ONDE O NORTE SE DIVERTE • Tel - 920238

LUSOTUFO

TAPETES • CARPETES • ALCATIFAS

Telefone, 72005

CORTEGAÇA

SUPERMERCADO DO LAR

RUA 62 N.º 227 A 231 — TEL. 922986 — ESPINHO
OFERECE A PREÇOS AINDA MAIS BAIXOS

Alcatifa em caraculo de 1.ª, 220\$00 m2 * Papéis de parede laváveis, 100\$00 Rolo * Pavimentos plásticos importados para cozinha, salas, Q. B., etc., 200\$00 m2.
COZINHAS POR ELEMENTOS «SÓNIA», CARPETES, MAPLES, CANDEIROS, TAPETES, COLCHÕES, MÓVEIS
E TUDO PARA O SEU LAR

REABRIU COM NOVA GERÊNCIA

Restaurante ONDÁ Snack-Bar

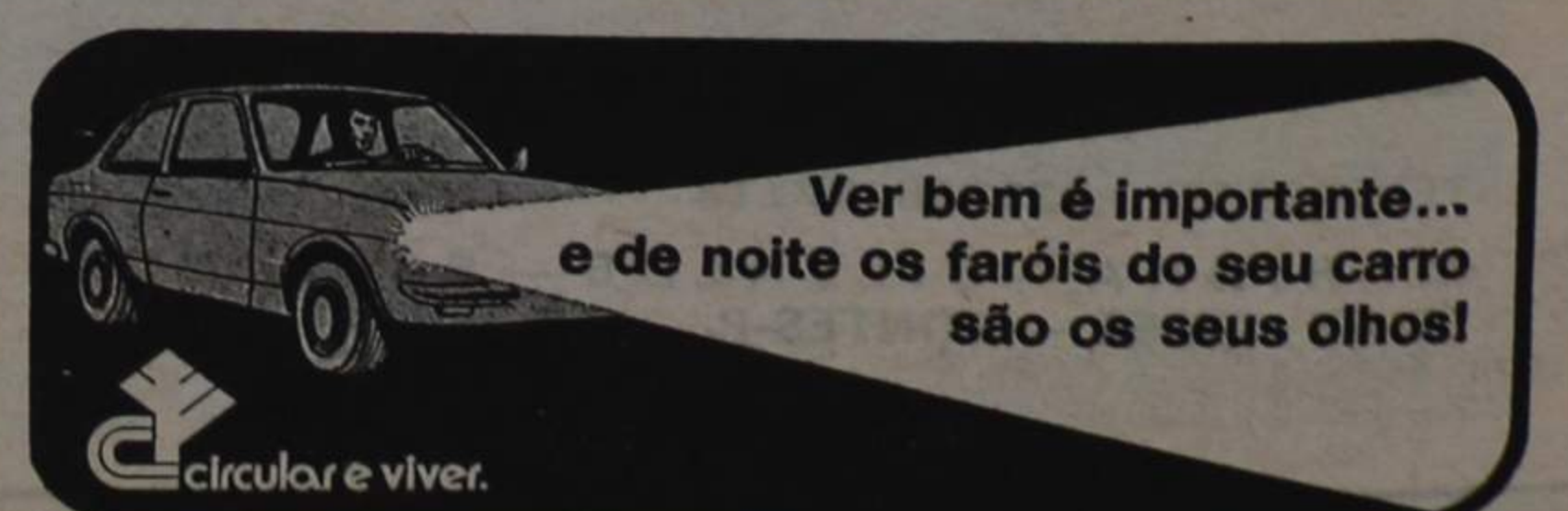
Serviço de Snack até às 2 horas da madrugada

ESPLANADA DO MAR — ESPINHO

CORRESPONDENTE - VIAJANTE

Para empresa exportadora de cortiças, falando francês e inglês e conhecedor do mercado de rolhas de França.

Resposta à Redacção ao n.º 16.





DESPORTOS



28 DE MAIO: DATA HISTÓRICA PARA O SPORTING DE ESPINHO

Naquela tarde chuvosa e fria (mais chuvosa do que fria, por influência do calor humano) foram muitos (aos milhares) os que demandaram o «Avenida» para vitoriarem os novos campeões e beberem com eles o champanhe da vitória.

Foi, por coincidência, numa data histórica, aliás das mais relevantes deste desgraçado País, mas que deixou de ser comemorada desde que um grupo de oportunistas e de ladrões «nos» assaltou e «nos» roubou.

Precisamente em 28 de Maio o Sporting de Espinho assegurava o lugar que havia perdido um ano antes, batendo nessa tarde a equipa do Rio Ave, de Vila do Conde, também esta interessada em atingir a mesma posição e para a qual era tão candidata como os «tigres».

A intempérie não afastou os homens com o emblema do Espinho na lapela, antes os aproximou e os juntou por todos os sectores do velho Campo da Avenida. As gargantas de muitos ficaram roucas. As bandeiras, como que impermeáveis à chuva, mantiveram-se bem no alto, nas mãos de cada qual, tremulando ao vento em sinal de vitória. Foi uma tarde inesquecível (mais uma entre muitas que a história do Sporting de Espinho regista) essa de 28 de Maio de 1979...

Oito dias depois seria a apoteose, mas deixou de o ser porque um senhor que dá pelo nome de Marques Pires, não o quis. Destacado para dirigir o jogo de Penafiel (o último da fase de apuramento), esse árbitro de Setúbal viria, como dizem os brasileiros, a «borrar» a festa, repetindo erros que se acumularam ao longo da época e o tornaram dos mais irregulares e incapazes árbitros dos últimos tempos.

A grande data ficou sendo, pois, a de 28 de Maio, quando da vitória sobre o Rio Ave. Essa é que não deixará de ser recordada no futuro quando se pretender falar do regresso do Sporting à prova máxima do futebol português.

Temos assim que, a partir de Setembro, voltaremos a ter por cá os «maiores» do nosso futebol e dos quais os espinhenses já sentiam saudades.

Bom será que a cidade não deixe de corresponder no auxílio prestado ao clube. Muito há a fazer na equipa em termos de renovação no aspecto humano e não só. Há que partir para soluções com garantias de estabilidade e inspiradoras de confiança. A I Divisão não se compadece com situações provisórias e instáveis...

ÁLVARO GRAÇA



Hóquei em Campo

SELECÇÃO NACIONAL NA JUGOSLÁVIA

O FUTURO DIRÁ SE ÚLTIMA POSIÇÃO FOI ASSIM TÃO MÁ!

DUAS FIGURAS DE ESPINHO PRESENTES

A deslocação que a selecção nacional de hóquei em campo fez à Jugoslávia onde participou no Torneio das Quatro Nações juntamente com a Polónia, a Escócia e o país organizador, não se traduziu no fracasso que à priori a classificação obtida (último lugar) parece transparecer.

Tal como seria de esperar, a abnegação dos nossos atletas não conseguiu superar a maior experiência dos antagonistas assim como a adversidade do clima (quase tórrido) que se fez sentir ao longo dos três dias de prova com encontros consecutivos. No primeiro, logramos obter assinalável empate com a Escócia (1-1) para baquearmos frente à Polónia e à Jugoslávia por (1-3) e (1-5) respectivamente. Assinale-se que os escoceses viriam a derrotar os polacos (vencedores do torneio) perden-

do tangencialmente com os anfitriões por 1-0. Estes, viram fugir a possibilidade de alcançar o almejado galardão devido à derrota com a Polónia.

Quanta à participação do nosso seleccionado, é um facto que todos ansiávamos com algo mais, no entanto, é agora justo perguntar se não estaríamos a pedir de mais face à realidade conjuntural do hóquei em campo português a começar pela carência de estruturas.

Tal como já fiz o seleccionador nacional, dr. Álvaro Rocha, figura muito prestigiada nos meios espinhenses e ao qual de resto pertence, não é em dez dias que se «faz» uma selecção para competir com outras, onde, para além do mais, o factor técnico-físico nos é de longe superior. Ressalve-se entretanto que a deslocação à Jugoslávia foi dentro

dos condicionalismos evidentes, convenientemente preparada pelas entidades competentes, a Federação Portuguesa da modalidade, de resto, este pormenor, foi bem vincado por quantos constituíram a caravana nacional, entre os quais figurava mais um espinhense, concretamente o médico da equipa, dr. Seco Julião, cuja actuação ao longo da estada em terras jugoslavas foi de importância capital para a nossa representação.

O dr. Álvaro Rocha fez alinhar nos três dias disputados todos os atletas seleccionados acentando nesta formação a equipa base:

Fernando Brito, Litos, Augusto, J. Macedo, Filipe, J. Baptista e Jones, Rui Póvoas, Nelo, Coelho e Rui Francisco.

CAMPEONATO DE RESERVAS

F. C. Porto-Académica 1-0

ATLETISMO

Por lapso, no nosso jornal de 1/6/79 não figuraram algumas classificações e pelo facto pedimos as nossas desculpas. Ei-las:

Torneio de Preparação (masc. e fem.) — 400 metros fem. (1.ª série): 3.ª, Manuela Oliveira, 71,6 s.; 400 mts. masc. (1.ª série); 5.ª, Artur Jorge, 59,2 s.; 1500 mts fem. (1.ª série): 4.ª, Laura Alves, 5,06,5 s.; 5.ª, Irene Santos, 5,07,2s; 1500 mts masc. (1.ª série): 6.ª, Augusto Rachão, 4,6,20 s.; 9.ª, Manuel Dinis, 4,27s; 13.ª, Pedro Faustino, 4,35s; (2.ª série); 9.ª, Henrique Martins, 4,33 s.; 10.ª, Luís Carvalho, 4,38 s.

Plano do desenvolvimento do desenvolvimento do atletismo — «Torneio Mário Nunes», Ano Internacional da Criança — 300 mts. Inic. masc. (2.ª série): 4.ª, Alberto Praça, 46,9s; 80 mts. Inic. fem. (1.ª série): 2.ª, Conceição Dias, 11,3 s.; 80 mts. Inic. masc. (1.ª série); 4.ª, Raul Silva, 10,3 s.

CAMPEONATOS REGIONAIS DE JUNIORES

MASCULINO - FEMININO

A Associação Poruense de Atletismo fez disputar nos dias 2 e 3 deste mês, no Estádio do Cdup e de acordo com o calendário oficial para a presente temporada, os campeonatos em epígrafe. O S. C. de Espinho fez-se representar por atletas de ambos os sexos, sendo de notar a ausência de alguns. Enfim...

Os resultados técnicos obtidos pelos atletas do S.C.E. foram os seguintes: 1.ª jornada — Sábado, 2: 400 mts masc. 1/4 final — 1.ª eliminatória: 2.ª, Pedro Faustino, 56,8 s.; 2.ª eliminatória: 4.ª, Carlos Sampaio, 59,0 s.; 4.ª eliminatória: 6.ª, Luís Carvalho, 60,5 s.; 1/2 Final, 2.ª eliminatória: 2.ª, Pedro Faustino, 55,4 s.; Final, 6.ª, Pedro Faustino, 55,1 s.

1500 mts. masc — 1.ª série: 11.ª, Arlindo Cabral, 4,23,1 s; Salto em Comprimento masc.: 4.ª, Adriano Ribeiro, 1,7 m; 100 mts fem. — 1/4 Final — 2.ª eliminatória: 7.ª, Margarida Barbosa, 15,4 s.; 1500 mts. fem. — 1.ª série: 7.ª, Laura Alves, 5,06 s; 8.ª, Irene Santos, 5,06,7 s; 400 mts. fem. — 1/2 Final — 1.ª eliminatória: 6.ª, Margarida Barbosa, 71,3 s; 2.ª eliminatória: 6.ª, Teresa Maganinho, 80,1 s; 3000 mts mas. — 1.ª série: 7.ª, Augusto Rachão, 9, 18,2 s.

2.ª jornada — Domingo, 3: Salto em Altura masc.: 3.ª, Adriano Ribeiro, 1,66m; 5000 mts masc. — 1.ª série: 11.ª, Manuel Dinis, 16,49,8 s; 3000 mts fem. — 1.ª série: 3.ª, Irene Santos 10,45,8s; Triplo-Salto masc.: 3.ª, Adriano Ribeiro, 11,95 m; 2000 mts Obstáculos masc. — 1.ª série: 5.ª, Augusto Rachão, 6,30,2 s; 8.ª, Arlindo Cabral, 6,39,0 s; 11.ª, Henrique Martins, 6,44,0 s; 13.ª, Carlos Sampaio, 7,04,2s; 14.ª, Luís Carvalho, 7,10,0 s.; 200 mts fem. — 1/2 Final — 1.ª eliminatória: 5.ª, Margarida Barbosa, 31,5 s; 800 mts. masc — 2.ª série: 2.ª, Pedro Faustino 2,04,6 s.

Classificação colectiva: Masculino — 6.ª, S.C.E., 14 pontos; Feminino: 5.ª, S.C.E., 4 pontos.

CAMPEONATOS NACIONAIS DE JUVENIS

MASCULINO - FEMININO

Realizaram-se nos passados dias 26 e 27 de Maio os campeonatos nacionais de juvenis em dois lugares diferentes. O S. C. de Espinho esteve presente com as meninas no Estádio do Sdup, no Porto e com os rapazes no Estádio do Fontelo, em Viseu.

Como não obtivemos os resultados técnicos, não os podemos divulgar, como é óbvio, mas adiantamos que alguns atletas obtiveram resultados bastantes satisfatórios.

ATLETISMO INTERNACIONAL 25 Kms «Entre Serra e Mar»

Realizou-se no passado dia 26 de Maio a prova de atletismo (25 Kms entre a Serra e o Mar», disputada entre Sintra-Estoril-Cascais-Sintra. A corrida, organizada pelo Grupo Desportivo Rio de Mouro Rinchoa e Mercês e pela revista «Spiridon», contou com a presença de 624 atletas (Masc. e Fem.) de 7 países (Portugal, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, República Federal Alemã e Moçambique).

Um atleta do S.C. de Espinho participou na prova. Foi o júnior Manuel Dinis, que terminou a prova no bom tempo de 1 h 30 m e 21 s, classificando-se em 98.º lugar na classificação geral e, obteve assim o excelente 6.º lugar entre os juniores. O vencedor foi Vasco Pereira, do Benfica, que cobriu a distância em 1 h e 11,4 m.

Manuel Dinis

LER MAIS

DESPORTO

PÁGINA 14



Futebol

U. LEIRIA, 1 — ESPINHO, 0

Jogo no Estádio Municipal de Leiria. Árbitro: Fernando Alberdo (Porto), auxiliado por Pedro Alves (bancada) e por Silva Pinto (peão).

UNIAO DE LEIRIA — Vítor Amaral; Espírito Santo, Araújo, Figueiredo e Paixão; Tomé, Leitão (Paiva, aos 37 m.) e Dinis; Pereira, Delfim e Álvaro.

SPORTING DE ESPINHO — Gaspar; Coelho, Raul, Gonçalves e Gomes; João Carlos, Parra (Vitorino, aos 45 m.) e Sobral; Mória, Reis e Canavaro.

Ao intervalo: 0-0. Marcador: Pereira (aos 57 m.).

Muita gente correu ao Estádio Municipal de Leiria para assistir a este encontro. De Espinho, além de um comboio especial, a caravana vareira fez-se deslocar em vários autocarros e automóveis, para assim em-

prestar aos seus jogadores o calor indispensável para a conquista do campeonato.

Não foram felizes os «tigres» por acabarem por sucumbir pelo resultado tangencial de 1-0, num jogo em que o equilíbrio foi nota dominante, com distinção das duas metades do tempo regulamentar para cada equipa desenvolver o seu melhor jogo, cabendo aos espinhenses os últimos 45 minutos para tentar embora tardiamente um «volte-face» do resultado que teimava em manter-se sem golos, mas foram afinal os leirienses quem, com maior oportunidade obtiveram a consolidação do tão almejado golo que lhes proporcionaria a justa vitória.

Vamos a ver a segunda volta se os espinhenses terão capacidade de recuperar a desvantagem.

NÃO FUME EM RECINTOS DESPORTIVOS FECHADOS



VENDE-SE MOBILIA DE SALA DE JANTAR USADA

Aparador, cristaleira, mesa, 6 cadeiras forradas a napa e maple. — Preço acessível. Rua 23 n.º 191 — ESPINHO

O CORPO NACIONAL DE ESCUTAS

E OS «PORQUÊS» DE SER ESCUTISTA!

Talvez muita gente não saiba que em Espinho existe um Corpo Nacional de Escutas, o n.º 17, que noutras épocas, sob o comando do chefe Ilídio entre outros, foi um agrupamento com forte implantação no meio espinhense.

Procurámos os responsáveis actuais por este agrupamento para que nos fosse explicado concretamente o que é, o que fazem e para que serve o Corpo Nacional de Escutas.

P. — O que é o Escutismo?

R. — O Escutismo é um movimento que tem por fim educar moral e fisicamente os jovens.

Os lobitos, etapa inicial, compreendida entre os 6 e 11 anos, organizam-se em subunidades chamadas Alcateias cuja linha de acção se baseia no Lobitismo.

P. — Em que consiste o Lobitismo?

R. — Paralelamente a uma formação religiosa católica, as actividades dos lobitos são essencialmente jogos realizados, sempre que o tempo o permita, ao ar livre. O movimento e a alegria reinam no campo proporcionando-lhes, deste modo, um ambiente sadio.

P. — Mas ainda há outras finalidades, com certeza?

R. — Além desta, os jogos têm outra finalidade, sim; neles os lobitos aprendem a respeitar-se a amar-se e a serem responsáveis.

Existem outras actividades pelas quais, eles tomam conhecimento acerca de higiene e saúde, ginástica, segurança, ajuda em casa, zona em que vivem e culto à Pátria.

P. — Após a graduação de lobitos, o que se segue?

R. — Na sequência do lobitismo surgem os Exploradores. O Grupo, conjunto de exploradores, divide-se em duas secções: o GRUPO JÚNIOR e o GRUPO SÉNIOR. Do grupo júnior fazem parte jovens dos 11 aos 14 anos e do sénior dos 14 aos 17 anos. Ambos os grupos se dividem em patrulhas de 4 a 8 elementos cada.

Embora a finalidade de cada grupo seja a mesma (formar física e

moralmente os jovens) há diferenças fundamentais a fazer.

Enquanto o Grupo Júnior a formação está mais voltada para dentro, para o plano individual e pessoal de cada um, no Grupo Sénior as actividades são mais voltadas para o exterior, para os outros o que será outra dimensão do indivíduo.

Na formação de Juniores, o fundamental é o jogo. Procura-se fazer-lhes ver que a vida é um jogo, com as suas regras e que eles têm nele, papel a desempenhar. Mesmo os ensinamentos técnicos que se ministram (cartografia, pioneirismo, primeiros-socorros, etc.) são dados no decorrer de jogos onde eles vão ter uma aplicação prática ou, caso isso seja possível são logo seguidos de uns outros jogos para aplicação prática desses conhecimentos.

P. — Vocês são apologistas especialmente da vida ao ar livre, não é?

R. — Sim. A vida nos dois grupos (Júnior e Sénior) deve processar-se voltada para a natureza e o ar livre, de acordo, aliás, com o fundador do escutismo BADEN-POWELL.

A prová-lo está uma das actividades mais importantes que são os Acampamentos e os Raids (passeios de exploração pelo campo).

No fundo, o que se procura com esta metodologia é preparar os jovens para a vida e ajudá-los a descobrir uma profissão, através das provas técnicas que eles têm de fazer (provas de classe e as especialidades).

Enfim o escutismo é um passatempo extremamente útil a todos os jovens, pela saúde corporal, espiritual e mental que lhes proporciona. Ali reina alegria e boa disposição.

FRANCELINA FERNANDES DE OLIVEIRA

7.º ANIVERSARIO

Com profunda saudade sua Madrinha manda celebrar Missa por sua alma, no dia 18, segunda-feira, pelas 8 horas da manhã, na Igreja de Anta, agradecendo desde já a todas as pessoas que comparecerem a este piedoso acto.



VENDE-SE

Casa com quintal sita na Rua 16 com a área de 600 m²; com 40 m para a Rua 15 e 15 m para as Ruas 16 e 18.

Contactar com:

Agostinho Coutinho Lopes
Av. Guerra Junqueiro, 5-4.º
Esq. 1.000 — Lisboa.

TOME UMA DECISÃO

INTELIGENTE

ASSINE O

«DEFESA DE ESPINHO»



em
ESPINHO
o BNU
espera por si
consulte-nos

Inaugurada em 1944, ESPINHO é uma das nossas
139 Dependências ao serviço do País

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO



DA EXPERIÊNCIA PARA O FUTURO



VOLKSWAGEN

AUTOMÓVEIS
FURGONETAS

GARAGEM ARRIFANA

Rodrigues de Amorim & Irmãos, L.da

(O. Vouga) — Arrifana — Tels. 22125/6

EXPOSIÇÃO E VENDAS

ESPINHO — Rua 19 n.º 336 — Tel. 920816

S. JOÃO DA MADEIRA — Rua da Liberdade — Tel. 23392

FOSFOREIRA PORTUGUESA

S. A. R. L.

ESPINHO

FABRICANTE DE CAIXAS COM FÓSFOROS
EM MADEIRA E EM PAPEL.

CARTEIRAS DE FÓSFOROS
EM CARTÃO
E EM MADEIRA

Mesmo ao volante,
vele pela segurança
do seu filho.
Leve-o sempre
no banco de trás!



circular é viver.



EFEMÉRIDES MARCANTES DA HISTÓRIA DE ESPINHO

- 1800 — Já existia a Capela dos Galegos.
 1807 — Havia 125 casais de Pescadores.
 1864 — Resolvida a construção de um edifício para a Assembleia (percursora dos casinos), aumentada em 1915 com um andar.
 1868 — (Outubro) — Uma comissão do Porto, composta de mais de 900 pessoas vem a Espinho cumprimentar o Bispo D. António Alves Martins, Ministro do Reino.
 1869 — 9 de Março, primeira invasão do mar. Idem em 1871 e 1874, cifrando-se então o avanço do mar em 95 metros. Em 1892 foi criada uma comissão de socorro. A Câmara de Vila da Feira contribuiu com 100.000 réis e cada vereador deu do seu bolso particular 1.500 réis (15 tostões). Novas invasões em 1908, 1911, 1936 e 1943.
 1870 — Comboios já paravam em Espinho. Anteriormente, em 1867, só paravam em Esmoriz e na Granja.
 — O engenheiro Bandeira Coelho fez a planta de Espinho, mais tarde reformada pelo engenheiro Bandeira Neiva.
 1875 — 17 de Setembro. Inaugurada a Estação dos Caminhos de Ferro, reformada e aumentada em 1898.
 1877 — 25 de Junho. Inaugurada a Estação Telegráfica.
 — 25 de Setembro. Benzida a Capela de Santa Maria Maior.
 1878 — 31 de Janeiro. Autorizado o culto na Capela de Nossa Senhora da Ajuda.
 1879 — Inaugurada a Estação dos Correios e Telégrafos.
 1889 — 23 de Maio. Decretada a freguesia de Espinho, desanexada da Freguesia de Anta.
 — 17 de Setembro. Criada a Freguesia Eclesiástica de Espinho, com a matriz na Capela de Nossa Senhora da Ajuda.
 1890 — Fundação do Oporto Folf Club.
 1891 — 9 de Março. Reuniu pela primeira vez a Junta de Freguesia de Espinho.
 — 13 de Abril. Um casal ofereceu o terreno para o cemitério.
 — 17 de Setembro. A Rainha D. Maria Pia visitou os estragos do mar.
 1894 — Passou a Brandão, Gomes & C.ª — Fábrica de Conservas —, a Fábrica Volga, de Cirne & C.ª.
 1895 — 20 de Outubro. Apresentação pública dos Bombeiros Voluntários de Espinho.
 1899 — 15 de Agosto. Inauguração da primeira Praça de Touros, com capacidade para 500 aficionados. Nela toureou Mário Duarte, de Aveiro, desportista emérito, que marcou uma época. Em 1906 construiu-se nova praça em pedra e cal, para 5.000 espectadores. A 26 de Novembro de 1945 nova praça em madeira, custeada pela empresa Resende & Crespo, concessionária da zona de jogo. Finalmente a actual, propriedade da SOLVERDE, igualmente concessionária da zona de jogo, foi inaugurada em 28 de Julho de 1974 e tem capacidade para 4.071 pessoas.
 — 17 de Agosto. Por Carta de Lei, foi criado o Concelho de Espinho.
 — 21 de Outubro. Teve lugar a primeira sessão da Câmara Municipal, a que presidiu o Dr. António Augusto de Castro Soares.
 1900 — O eng.º Bandeira Neiva ofereceu à Câmara a planta de Espinho.
 1901 — Foi inaugurada a luz eléctrica, embora Espinho já fosse iluminada a electricidade nas épocas de Verão.
 — Foi contratada a construção da Igreja Matriz por 17.000.000 réis (17 contos), em substituição da Capela de Nossa Senhora da Ajuda, destruída pelo mar em 1904. Foi benzida em 29 de Junho de 1916, sendo seu pároco desde 1 de Janeiro de 1903, o padre Joaquim Teixeira da Silva Amaral, que morreu em Espinho, com 93 anos, em 15 de Dezembro de 1956.
 — 6 de Janeiro. Saiu o primeiro número d'A Gazeta de Espinho.
 1908 — 23 de Novembro. Visitou oficialmente Espinho El-Rei D. Manuel II, que inaugurou a linha do Vale do Vouga, troço Espinho-Oliveira de Azeméis e visitou a Fábrica de Conservas «Brandão, Gomes & C.ª».
 1910 — Criação do Grupo Alegre Mocidade.
 1912 — 22 de Fevereiro. Com 35 anos de idade, suicidou-se o Dr. Manuel Laranjeira, médico e dramaturgo.
 — 28 de Abril. Estreia do Orfeão de Espinho, do Dr. Fernando de Matos; em 30 de Janeiro de 1915 deu espectáculo de beneficência, regido pelo maestro Fausto Neves. Foram ainda seus regentes; Dr. Clemente Ramos, maestro Fausto Neves e, mais tarde, o professor Mário Neves.
 Inauguração de uma Fonte Luminosa, no Jardim da Graciosa.
 1913 — A Câmara de Espinho aprovou o descanso semanal aos domingos.
 1914 — 11 de Novembro. Foi fundado o Sporting Clube de Espinho.
 1917 — 24 de Fevereiro. Foi fundada a Associação de Assistência aos Pobres de Espinho, que deu lugar, em 1937, à Santa Casa da Misericórdia.
 1925 — Visitou Espinho para ver os estragos do tufão, o Dr. Bernardino Machado, Presidente da República.
 1926 — Passaram para a jurisdição de Espinho, as freguesias de Anta, Silvalde, Paramos, Guetim, Nogueira, Oleiros e Esmoriz.
 1928 — 1 de Janeiro. Fundação dos Bombeiros Voluntários Espinhenses.
 1930 — Abriu o Colégio Nossa Senhora da Conceição para meninas.
 1931 — Foi fundado o jornal «Defesa de Espinho».
 1938 — 22 de Janeiro. Foi fundada a Associação Académica de Espinho.
 1941 — Acabou a construção da Capela de S. Pedro.
 1943 — Inauguração da Piscina Solário Atlântico.
 1944 — Inauguração da Fábrica Corfi, de Manuel de Oliveira Violas.
 1947 — Construção do Teatro S. Pedro.
 1948 — Criação do Patronato da Divina Providência.
 1954 — 17 de Dezembro. Com 95 anos, morreu António Augusto César Raio, que durante dezenas de anos foi dedicado correspondente de «O Comércio do Porto».
 1956 — Por Decreto 40.725, de 8 de Agosto, foi criada a Escola Comercial e Industrial de Espinho.
 1957 — Foram criados os Nadadores-Salvadores.
 1960 — Fundada a Academia de Música de Espinho.
 1967 — 7 de Agosto. Criada em Espinho uma Secção Liceal do Liceu Nacional de Vila Nova de Gaia, sendo seu primeiro dia de aulas em 2 de Setembro.
 1968 — 19 de Junho. Visitou oficialmente Espinho, o Almirante Américo Tomás, Presidente da República.
 1969 — Fundado o Grupo Bem-Fazer de Espinho.
 1973 — 16 de Junho. Por Decreto n.º 309/73, Espinho é elevado à categoria de CIDADE.
 — 1 de Outubro. Realizou-se o primeiro julgamento no Tribunal de Espinho.
 1976 — 30 de Julho. Vinte espinhenses por escritura pública criaram a CERCIESPINHO.
 1978 — 9 de Março. Visitou Espinho para ver os efeitos dos estragos do mar o general Ramalho Eanes, Presidente da República.
 — 1 de Setembro. Publicado no Diário da República que a Comarca de Espinho fica a pertencer ao Circulo Judicial de Vila Nova de Gaia, Distrito Judicial do Porto, passando a ter dois juízos, com dois juizes e dois Delegados do Ministério Público, a partir de 1 de Outubro de 1978.

(Respigado da «Monografia» de Espinho, de Álvaro Pereira)

**VIVER EM CADA DIA
A ECONOMIA DE UM PAÍS**
CAPTAR POUPANÇA, INVESTIR, CRIAR RIQUEZA.

**CAIXA GERAL
DE DEPÓSITOS**
INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO

DESSPORTOS

GOLFE

TAÇA PAULO REIS

Disputou-se no Oporto Golf Club no passado dia 9-6-79 a Taça Paulo Reis, que conta para o campeonato do clube, ficando assim ordenada a classificação:

- 1.º Carlos Fernandes 137 - Nett
- 2.º António Miguel ... 137 - »
- 3.º José Granja 139 - »
- 4.º Luís Ferreira 142 - »
- 5.º Ramiro Magalhães 145 - »
- 6.º Francisco Olazabal 145 - »
- 7.º António Cruz ... 145 - »
- 8.º Henrique B. Cunha 146 - »
- 9.º Armando R. Gonçalves 148 - »
- 10.º Carlos Lima 150 - »

ANDEBOL

FEMININO

Comemorações do final de época do União de Leiria (Andebol de 7)

U. Leiria-S. C. Espinho 6-8

MASCULINO

«Taça Martins Mendes»

JUVENIS

S. C. Espinho-Académico . 14-11

FEMININO

A equipa feminina de andebol do S. C. Espinho deslocou-se no passado sábado, dia 9, a Leiria, onde defrontou o clube local, União de Leiria a quem bateu pelo «score» de 8 a 6.

O encontro, integrado num festival de andebol para encerramento da época 1978/79 das andebolistas leirienses, foi presenciado pelo técnico da Selecção Nacional de Juniores, que escolheu para tomarem parte num estágio técnico-pedagógico, que visa a formação futura da selecção nacional da categoria, as atletas espinhenses: Vera, Paula e Rosa.

Foi também convidado a participar no referido estágio o técnico da equipa espinhense António Canelas.

«D. E.», faz votos para que, ultrapassada esta fase, sejam as três atletas espinhenses incluídas na convocatória da selecção.

Entretanto a grande actividade das jovens espinhenses continua, senão vejamos:

Quinta-feira, dia 14, defrontaram, para a última jornada do Torneio de Andebol Feminino do Amnaco Português, a equipa do clube organizador em Estarreja; sexta-feira, 15 e sábado, 16, pelas 19 e 16 horas, respectivamente, para o Torneio da Associação de Andebol do Porto, cujos adversários são: Liceu Carolina Michaelis, no Pavilhão do Lima e finalmente no Pavilhão Joaquim Moreira da Costa o Estrela Vigorosa.

JUVENIS MASCULINOS

Terminou no último sábado a 1.ª fase da Taça Martins Mendes com o jogo Académico-S. C. Espinho, cujo resultado foi favorável aos espinhenses por 14-11.

A equipa espinhense, classificada em 1.º lugar na final desta fase, teve uma actuação digna de ser realçada, já que obteve tal classificação sem conhecer o amargo da derrota.

FALANDO SOBRE ANDEBOL

No próximo número, «Defesa de Espinho», apresenta uma desenvolvida reportagem, sobre a actuação dos andebolistas espinhenses a todos os níveis, e uma entrevista com o jovem e promissor técnico António Canelas.

F. Barbosa

O KARATÉ DEVE SER UMA CONSTANTE OBSERVAÇÃO DE NÓS PRÓPRIOS NO SENTIDO DE NOS CONHECERMOS E APERFEIÇOARMOS

(Palavras de Vilaça Pinto (3.º Dan) e instrutor da secção da Associação Académica de Espinho)

Introduzido em Espinho pela A.A.E. em 1973, o karaté conseguiu firmar-se como uma modalidade dinâmica e responsável graças a um trabalho permanente e discreto, que tem proporcionado a algumas centenas de praticantes uma fonte de recuperação física e mental compensadora do desgaste provocado pela vida agitada dos nossos dias.

Para que o leitor possa conhecer melhor um pouco da «nobre arte», bem como o trabalho que a secção de Karaté da A.A.E., tem vindo a realizar, estivémos no ginásio do Ciclo Preparatório, onde se ia realizar mais um treino.

Cerca de 30 karatecas, entre os

é, sem dúvida, os sentimentos de inferioridade, ou mesmo complexos que predominam na personalidade da maioria das pessoas. Que a prática física é benéfica, é do conhecimento geral, contudo, o movimento em karaté para além das inerentes vantagens não se destina ao mero recreamento do corpo, indisciplinado, mas sim à acção consciente (espírito), que o domina e educa nas suas naturais imperfeições, quanto à defesa (pessoal?) conheça como sendo melhor aquela atitude que a evita. A nossa sociedade constituída por indivíduos desequilibrados criou e aprovou a «defesa pessoal» ou «legítima defesa» como processo bru-

ponder: NÃO, a única é a da Associação Académica de Espinho.

D. E. — É dispendiosa a prática do karaté?

Francisco Pinho — Como é fácil de calcular, o karaté obriga a determinadas despesas, principalmente com a formação de instrutores que querem dum modo honesto levar a cabo as suas funções e que para tal tem de custear as suas despesas de deslocação e estâgios nomeadamente na Europa ou no Japão, no que diz respeito aos praticantes as quotas que pagam não são de modo algum impeditivas da prática do karaté, quero frisar, que o nosso centro pratica quotas das mais acessíveis pois pensamos que este facto não deve tornar o karaté acessível apenas a uma pequena elite.

D. E. — A competição tornaria

facto de então para cá se terem inscitos cerca de duzentos praticantes aliado ao entusiasmo e assiduidade aos treinos demonstram bem o interesse não apenas dos jovens mas também das inúmeras senhoras e adultos. Presentemente encontram-se inscitos cerca de cinquenta praticantes, decorrendo os treinos com uma média de 30 a 40 presenças.

D. E. — Qual a idade mais aconselhável para iniciar a prática do karaté?

Vilaça Pinto — Logicamente que quanto mais cedo se começar a beneficiar do karaté melhor, mas se ele só chegar às pessoas quando elas já têm idade avançada... «mais vale tarde do que nunca», já agora, devo-lhe dizer que é com muita satisfação que verificamos a presença entre os praticantes mais graduados da nossa escola (A.A.E.) 4.º kyu — cinto vermelho — de um jovem de 14 anos o que comprova o que atrás dissemos.

D. E. — Quantos anos é necessário para atingir a graduação máxima?

Vilaça Pinto — Não há graduação máxima em karaté pois tal como o conhecimento aquele não tem limites. A competição sim, tem limites... a taça.

D. E. — Quem são os monitores ou mestres que vêm a Espinho?

Francisco Pinho — Conforme o sr. Vilaça se referiu, são instrutores da Assoc. Shotokan Karatedo de Portugal, assim, será até que os praticantes de Espinho possam vir a ser os instrutores do seu próprio clube. Não podemos deixar de manifestar em nome da Direcção da A. A. Espinho todo o apreço e reconhecimento pela colaboração que os vários instrutores da ASKAP que se deslocam a Espinho nos dão na assistência técnica, graças à sua dedicação, com prejuizo dos seus tempos livres e fim-de-semana nos é possível manter o nosso centro com um nível técnico apreciável.

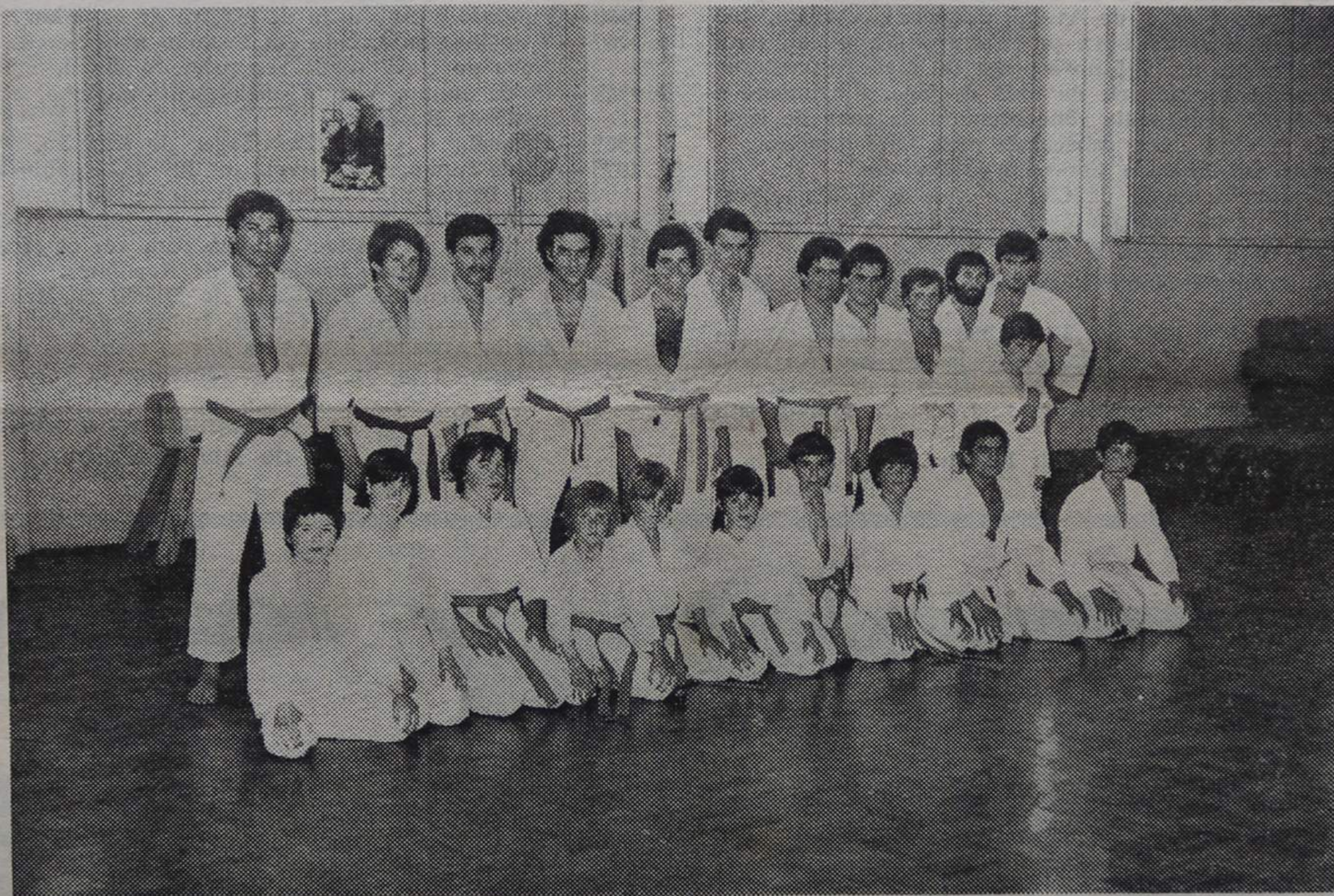
D. E. — Quais os benefícios futuros para os praticantes de karaté?

Vilaça Pinto — Saúde física e psicológica. Corpo expedito, personalidade dinâmica e sobriedade.

D. E. — Quanto ao futuro da secção?

Francisco Pinho — Como seccionista estou confiante no futuro da secção, caso se venha a manter a mesma orientação que presentemente temos e já agora um pedido, gostaria que esta oportunidade que a «Defesa de Espinho» nos deu que muito agradecemos, servisse de estímulo para todos os encarregados de educação e como garantia de que o karaté pode ser a certeza da ocupação saudável dos tempos livres dos seus filhos.

Cadete Duarte



quais algumas senhoras, seguiam atentamente e procuravam executar em verdadeira ordem e disciplina, quanto a nós bem difícil de seguir em outras modalidades, os ensinamentos que o instrutor-chefe em Portugal da Associação Shotokan Karatedo, VILAÇA PINTO (3.º Dan), lhes transmitia e ensinava.

Foram cerca de duas horas de treino extenso, e uma das coisas que causou a nossa admiração, foi sem dúvida os mais jovens, talvez com uma idade pouco mais de 8 ou 9 anos, terem tal como os adultos, mantido nesse período de tempo, a mesma disciplina e aplicação.

Findo o treino, procurámos o instrutor e o praticante Francisco Pinho, que também acumula o lugar de seccionista, para falar sobre a prática do karaté.

D. E. — Um pouco da história da arte marcial?

Vilaça Pinto — A história do karaté, pelos milhares de anos que tem decorrido no tempo, torna-se cada vez mais difícil de referir e ainda mais com um espaço tão reduzido para o fazer. Numa perspectiva realista e actual, preferimos salientar a luta titânica que alguns instrutores vêm travando no Ocidente para que ele seja de facto interpretado como benefício social.

D. E. — Quais os benefícios no aspecto físico e de defesa que o karaté proporciona?

Vilaça Pinto — Uma das grandes motivações à iniciação do karaté

tal de responder à brutalidade, no entanto, não nos devemos esquecer que é tão condenável a agressão como a contra-agressão. Sob este prisma, o karaté na nossa escola não serve a defesa de rua, pois os karatecas mais avançados são educados a não se defenderem, ou por outra palavras, a não criarem essas necessidades.

D. E. — Existem em Espinho outras escolas de karaté?

Vilaça Pinto — Há, como é do conhecimento geral, vários estilos de karaté e várias escolas, todas com os seus mestres e respectivas ideologias. Sem tentar denegrir a forma como as outras escolas praticam, não podemos deixar de observar a maneira arbitrária como elas se conduzem. A A.A.E. tem na sua escola a orientação da Assoc. Shotokan Karatedo Portugal que é o mais possível uma cópia fiel da escola japonesa de karaté formada pelo fundador do karaté (Mestre Gichiu Funakoshi), a Japan Karaté Association. A ASKAP por sua vez não tem mestres pois os mesmos estão no Japão e são os vários alunos do falecido fundador. Os instrutores nacionais da ASKAP são elos de ligação entre a Associação em Portugal e a origem do karaté, por estes motivos, os instrutores da ASKAP recebem a sua formação no Japão onde estagiam por períodos de dois a três anos na classe de instrutores da J.K.A., com o devido respeito pelas outras escolas de Espinho e considerando o que acaba de expor, tenho que res-

a modalidade mais popular?

Vilaça Pinto — Esse é o ponto mais delicado do karaté actual. A divulgação aconteceria de facto, mas não de karaté. A competição está longe de servir os objectivos do karaté e muito menos dos praticantes. O karaté deve ser uma constante observação de nós próprios no sentido de nos conhecermos e aperfeiçoarmos: a humildade e o recolhimento são indispensáveis na evolução do praticante. A competição torna o praticante vaidoso e superficial na sua maneira de interpretar o karaté, e oferece-lhe como finalidade a ambição de se tornar campeão e a taça respectiva: é muito pouco para ser karaté! A competição só serve aquele que ganha. O karaté deve servir todos os praticantes. E os velhos, mulheres e crianças que por razões óbvias não podem praticar na luta pela taça?

A competição é uma maneira de dar aos praticantes os defeitos para onde eles já tendiam e que mais precisavam de corrigir. A competição serve as organizações no aspecto financeiro mas não os praticantes.

D. E. — A população espinhense, principalmente a juventude, tem correspondido?

Francisco Pinho — Como sabe a secção sofreu uma profunda remodelação em 1976 com a passagem da orientação técnica para a responsabilidade da Shotokan. Embora não dispondo do número de praticantes dos anos 73 a 76, o

HÓQUEI-PATINS

CAMPEONATOS REGIONAIS INFANTIS

A.A.E.-Carvalhos 1-0
INICIADOS
A.A.E.-Carvalhos 2-12

CAMPEONATO NACIONAL DE JUNIORES

Série B
A.A.E.-Porto, 4-1
JUNIORES
CLASSIFICAÇÃO

Série B
1.º Académica 8-23
2.º F. C. Porto 9-23
3.º Oliveirense 10-23
4.º Valongo 10-18
5.º Seiva 10-15
6.º Mangualde 9-9

UM MUSEU PARA ESPINHO

Os Phenícios e os Carthaginezes, os Celtas e os Agarênos, os Berones e os Godos, se por ella passaram, não deixaram apòz si mesquitas ou castellos com torres ou minaretes rendilhados que hoje possam constituir a admiração geral. Os codices antigos e os velhos nobiliarios tambem não fallam d'ella nem da nobreza das suas famílias, porque em Espinho não ha pergaminhos nem brazões.

Os pergaminhos dos seus filhos são as suas mãos callejadas n'um trabalho honesto e os seus brazões são os seus rostos francos e alegres, avergoados nas luctas do mar e da industria. Espinho nasceu trabalhando, trabalhando se engrandeceu e é ainda no trabalho que tem depositada a esperança d'um futuro risonho e prospero.

Pode ler-se no n.º 1 de «Espinho Boletim Cultural» e constitui na passagem dos «Breves apontamentos para a sua história» pelo Padre André de Lima, publicados em folhetins na «Gazeta de Espinho» a partir do n.º 153 de 6/12/1903.

Em Espinho não há pergaminhos nem brazões.

Para aqueles que cheios de boa vontade querem fazer um museu para Espinho, aqui está o motivo da dificuldade se traçarem o esquema do museu tradicional.

Que espólio para o museu de Espinho?

Diz-nos ainda o Padre André de Lima...

Espinho nasceu trabalhando, trabalhando se engrandeceu e é ainda no trabalho que tem depositada a

esperança dum futuro risonho e prospero...

Talvez o museu possa nascer daqui. O conceito de museu é mais amplo, afirmam-nos já, múltiplas experiências.

Ele deve preservar conservar e recolher mas nunca transformar-se num depósito de legados que se mumifiquem.

Comunicar um património cultural e contribuir para a animação cultural do local em que está inserido, esse, deverá ser o seu papel. Mostrar objectivamente o desenvolvimento económico, cultural, político e social do homem numa área geográfica determinada, de modo que os visitantes possam tomar conta o melhor possível do que lhes interessa ou determina a vida da região. Um museu que constitua a expressão autêntica da história e da criatividade dos seus habitantes.

...Não há pergaminhos nem brazões.

Os pergaminhos dos seus filhos são as suas mãos callejadas num trabalho honesto e os seus brazões são os seus rostos francos e alegres, avergoados nas luctas do mar e da industria...

A partir daqui é preciso reunir todo este material o bi, o tridimensional e o humano. Os documentos, as peças, os homens e o que eles fizeram ou fazem as peças e os objectos representativos da vida quotidiana do passado até aos nossos dias, representativos do trabalho e da arte dos artistas e artesãos e na arquitectura o Padre André de Lima lembra-nos os palheiros.

BREVE REFLEXÃO

• POR ARTUR MOREIRA

Quem possui documentos dos palheiros?

A História de Espinho pode ser traçada assim, depois é necessária a animação; as exposições permanentes as temporárias e as itinerantes, as publicações, um factor integrante no sistema de ensino e aqui não podemos deixar de referir a sua importância na ligação directa à escola numa fonte ordenada de consulta e de actividades conjuntas.

No programa de educação visual do ensino preparatório pode ler-se ... a base de trabalho adequada à educação visual será a prospecção do meio com vista à compreensão dos aspectos visuais nas relações com o contexto sócio cultural e natural em que se inserem.

— Ao «estudo dos testemunhos visuais da tradição regional, através da compreensão das artes visuais e do artesanato como resposta espiritual e material aos problemas dos homens num certo contexto sócio-económico-cultural».

As três grandes áreas propostas para cobrir esse programa são o ambiente a comunidade e o equipamento.

Na primeira são tratadas questões de poluição e defesa do ambiente natural e cultural, a arquitectura, o urbanismo, o património

artístico, edifícios e monumentos locais; artes populares na segunda grande área, o trabalho a pesca, artesanato, agricultura, industria, etc.

Estas constituem apenas algumas sugestões que poderão bastar para uma ligação museu escola se

aquele conseguir reunir material de apoio à formação e ter, atitudes que a escola também poderá ter, tudo isto, sem que o museu abandone total ou parcialmente a sua função que também consiste em preservar os objectos mais preciosos.

SURDEZ

CENTRO AUDITIVO
A BOA AUDIÇÃO É SEMPRE NECESSÁRIA

Consulte os técnicos do CENTRO AUDITIVO para experiências grátis, na localidade mais próxima da sua residência:

3.ª FEIRA DIA 19 DE JUNHO

ESPINHO FARMÁCIA TEIXEIRA DAS 12,00 AS 13,00

Os modernos aparelhos de correcção auditiva, de nossa representação, são de audição direccional com dupla captação (sem ruídos ou ressonâncias).

TÉCNICA — GARANTIA — QUALIDADE

SEDE EM LISBOA — Rua da Prata, 227 - 1.º - E. - T. 325282

EUROSPUMA

Sociedade Industrial de Espumas Sintéticas, Limitada

ESPUMAS DE POLIURETANO PARA TODAS AS APLICAÇÕES

COLCHÕES — ALMOFADAS

ESPUMAS PARA ESTOFOS — ESPONJAS

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Avenida Estado da Índia, 4-1.º Piso

SACAVÉM

Telefs.: 2511272 e 2511413

SEDE EM ESPINHO

Telefones PPC 921839 (8 linhas)

Telegs.: EUROSPUMA

Telex. 2257 FOAM — P.

Apartado 95

TELEVISÃO

RTP-1

SEXTA-FEIRA

09.15 — Ano Propedêutico
 13.25 — Ciclo Preparatório TV
 18.30 — Abertura e Sumário
 18.35 — Jardins Zoológicos
 19.05 — País, País
 19.05 — 10 Milhões de Consumidores
 19.55 — Manuel e Beatriz
 20.00 — Jornal RTP - 1
 20.30 — O Astro
 21.10 — Boletim Meteorológico
 21.15 — Em questão
 22.15 — Poldark
 23.10 — 25 horas
 23.20 — Fecho

SÁBADO

13.30 — Abertura e Formação de professores
 14.00 — Sumário
 14.05 — Novos Horizontes
 14.30 — Era uma vez o Homem
 15.00 — O Circo Chegou!
 15.25 — Eu, Tu, Ele, Nós Trabalhemos
 15.30 — A Carta da Nova França
 16.00 — Tempo de Desporto
 16.30 — Animação
 17.00 — País, País, Magazine
 17.00 — Transmissão Directa de Santarém
 18.30 — A Escultura
 19.10 — 4.300 Minutos
 20.00 — O seu Motor

20.30 — Folclore de Santarém
 21.15 — Manuel e Beatriz
 21.30 — Jornal RTP - 1
 22.00 — Alamedas da Noite
 23.15 — 24 Horas

DOMINGO

12.30 — Abertura e Eucaristia Dominical
 13.10 — A Vida no Silêncio
 13.30 — Tropicália
 14.00 — Sumário
 14.05 — Falemos de Agricultura
 14.30 — O Povo e a Música
 15.00 — Abelha Maia
 15.05 — Eu, Tu, Ele, Nós Trabalhemos
 15.30 — Semibrevés
 16.00 — Eurovisão — Concerto Juvenil
 17.00 — Reportagem do Exterior
 19.00 — Grande Encontro
 21.15 — Manuel e Beatriz
 21.30 — Jornal RTP - 1
 22.00 — Ao Piano... Rui Guedes
 22.30 — Gente de Paz
 23.00 — Mata e Esfolia
 23.15 — 24 Horas
 23.30 — Fecho.

21.00 — Os Fabulosos Anos do Cinema
 21.30 — A Obra Poética de Irene Lisboa
 22.00 — Informação-2
 22.30 — Cine - Clube
 00.00 — Fecho

SÁBADO

14.00 — Ano Propedêutico
 20.30 — Abertura
 20.30 — Dick Tracy
 21.30 — Desporto-79
 22.00 — Cartas na Mesa
 23.00 — Série Portuguesa
 23.30 — Fecho.

DOMINGO

20.30 — Abertura
 20.30 — Super Heróis
 21.00 — Espaço Off
 21.30 — Música Maestro
 22.00 — A Par e Passo
 23.30 — Jornais e Jornalistas
 23.45 — Fecho

RTP-2

SEXTA-FEIRA

18.45 — Ano Propedêutico
 20.30 — Abertura
 24.32 — No Rasto de...

FARMÁCIAS ESPECTÁCULOS

TURNO — D

CINE-TEATRO S. PEDRO

Sexta-feira — Farmácia Teixeira — Rua 19, n.º 46 — Telef. 920352
 Sábado — Farmácia Santos — Rua 19, n.º 263 — Telef. 920331
 Domingo — Farmácia Paiva — Rua 19, n.º 319 — Telef. 920250
 Segunda-feira — Farmácia Higiene — Rua 19, n.º 393 — Telef. 920320
 Terça-feira — Grande Farmácia — Rua 62, n.º 457 — Telef. 920092
 Quarta-feira — Farmácia Teixeira — Rua 19, n.º 46 — Telef. 920352
 Quinta-feira — Farmácia Santos — Rua 19, n.º 263 — Telef. 920331

Dia 15, sexta-feira, às 21,45 horas — O DIABO EM MISS JONES — com Linda Lovelace — Pornográfico — Interdito a menores de 18 anos.

horas — O SEGREDO DUMA PAIXÃO — Dia 16, sábado, às 15,30 e 21,45 horas — com Sunil Dutt, Raaj Kumar e Balraj Sahni — Não aconselhável a menores de 13 anos.

21,45 horas — DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS — com Sónia Braga (Gabriela da TV) e José Wilker (Dr. Mundinho).

Dia 19, terça-feira, às 21,45 horas — O SARGENTO RAMPLIONI FOI DESPROMOVIDO — com Franco Franchi, Piventa Caporale e Maria Pia Conti — Não aconselhável a menores de 13 anos

Dia 21, quinta-feira, às 21,45 horas — OUTRO HOMEM PARA UMA MULHER — com James Caan Francis Huster e Geneviève Bujold — Não aconselhável a menores de 13 anos.

PASSA-SE

MERCEARIA E VINHOS
 (Antiga Loja do Cigalho)
 Falar pelo telf. 920270

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

MORADIAS

VENDEM-SE EM ESPINHO

Na fase de construção em que se encontram, jardim na frente e nas traseiras, de 2 e 3 pisos, com cave ampla. Garagem para 2 carros com 4 e 6 quartos, 4 quartos de banho, cozinha, sala comum, sala de jantar, jardim de Inverno, copa, arrumos, despensa, etc.

TRATA O PRÓPRIO

MOSTRA: RUA 8, N.º 1037 — ESPINHO

Uma casa especializada em fios de tricot e industriais

Boa Lã

Rua 14 n.º 647 ★ Telefone 922191

(entre as Ruas 21 e 23)


DESCONTOS ESPECIAIS PARA TRICOTADEIRAS

AUTO PARQUE N.ª S.ª DA AJUDA

RECOLHA DE AUTOMÓVEIS

RUA 26, N.º 1121 — TELEF. 923495

ESPINHO



CONCURSO da RTP/2

RTP Radiotelevisão Portuguesa, EP Apartado 1266 1008-Lisboa-Codex

CONCORRENTE

Nome.....

Morada.....

Localidade..... Telf..... Distrito.....


ACOMPANHANTE

Nome.....


Morada.....

Localidade..... Telf..... Distrito.....

IMPORTANTE: Escrever em letra bem legível os nomes do par de concorrentes. O boletim deve ser recortado pelo tracejado e remetido ao Apartado 1266-1008-Lisboa-Codex, colado em postal modelo normal dos CTP



cole no endereço postal



CONCURSO da RTP/2

RTP Radiotelevisão Portuguesa, EP Apartado 1423 1012-Lisboa-Codex

Sessão N.º.....

Filme.....


Data de emissão do Filme..... /..... /..... RTP/1 RTP/2

Nome.....

Morada.....

Localidade..... Telf..... Distrito.....

IMPORTANTE: Escrever em letra bem legível, título do filme a resposta e o nome do concorrente. O boletim deve ser recortado pelo tracejado e remetido ao Apartado 1423 1012- Lisboa-Codex, colado em postal modelo normal dos CTP



cole no endereço postal